



SERTANINA

Signos, re-significação e retorno às formas da
natureza através da escultura contemporânea no
semiárido do vale do São Francisco

Carina Karla Lacerda Almeida

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Almeida, Carina Karla Lacerda.

Sertanina: Signos, re-significação e retorno às formas da natureza através da escultura contemporânea no Semiárido do vale do São Francisco / Carina Karla Lacerda Almeida. - Recife, 2025. Of.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2023.

Orientação: Prof Dra Flora Assumpção.

Inclui referências.

1. Escultura; 2. Tridimensional; 3. Coleta sustentável de matéria-prima. I. Assumpção, Prof Dra Flora. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS



CARINA KARLA LACERDA ALMEIDA

Signos, resignificação e retorno às formas da natureza através da escultura contemporânea no semiárido do vale do São Francisco

Aprovado em: 26/02/2024

Comissão Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br FLORA ROMANELLI ASSUMPÇÃO
Data: 05/03/2024 15:43:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Professora Dra. Flora Romanelli Assumpção – PPGAV/UFPE -
Orientadora/Presidente**

Documento assinado digitalmente
gov.br ALBERTO RICARDO PESSOA
Data: 22/02/2024 09:40:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Professor Dr. Alberto Ricardo Pessoa – PPGAV/UFPB
Membro Titular Interno**

Documento assinado digitalmente
gov.br EDUARDO ROMERO LOPES BARBOSA
Data: 27/02/2024 10:03:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Professor Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa – UFPE
Membro Titular Externo**

Documento assinado digitalmente
gov.br PAULO ROBERTO FERREIRA OLIVEIRA
Data: 27/02/2024 11:00:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Professor Dr. Paulo Roberto Ferreira Oliveira – UFBA
Membro Titular Externo ao Programa**



SERTANINA:

Signos, re-significação e retorno às formas da natureza através da escultura contemporânea no semiárido do vale do São Francisco.

Carina Karla Lacerda Almeida

Projeto artístico equivalente a dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba – PPGAV UFPE/UFPB, da linha de pesquisa Artes visuais e seus processos educacionais, culturais e criativos, como exigência parcial para a defesa de pesquisa sob a orientação da profª Drª Flora Assumpção.

Petrolina
2023

Universidade Federal De Pernambuco
Centro De Artes E Comunicação
Programa De Pós-Graduação Em Artes Visuais
Área: Artes Visuais
Nível Mestrado
Nome Do Aluno: Carina Karla Lacerda Almeida

Título Do Trabalho:

**SERTANINA: Signos, Re-Significação E Retorno Às Formas
Da Natureza Através Da Escultura Contemporânea No Semi-
árido Do Vale Do São Francisco.**

Orientadora: Prof Dra Flora Assumpção

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

Folha de Aprovação

SERTANINA: Signos, re-significação e retorno às formas da natureza através da escultura contemporânea no semiárido do vale do são francisco.

Carina Karla Lacerda Almeida

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Presidente

Dra. Flora Romanelli Assumpção (UFPB/UFPE/UNIVASF)

Membro Interno

Dr. Alberto Ricardo Pessoa (UFPB)

Membros Externos

Dr. Paulo Roberto Ferreira Oliveira (UFBA)

Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (UFPE)

E pelos suplentes:

Interno - Dra. Ana Elisabete de Gouveia (UEPE)

Externo - Dr. Wladimir Silva Machado (UNIVASF)

Ficha Técnica

DEDICATÓRIA

Essa pesquisa é dedicada às árvores da Caatinga, minhas filhas Safira e Sofia, minha orientadora Flora Assumpção, a todas as mulheres ribeirinhas, a minha diagramadora Suellen Gomes e ao artista escultor Fredson Adjar pelos 10 anos de convivência na vida e na arte.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Flora Assumpção, a CAPES, por me proporcionar estudar com tranquilidade, aos meus professores que me acompanharam na jornada do conhecimento, à minha família e amigos que acreditaram no potencial da pesquisa.

PESQUISA/TEXTOS

Carina Karla Lacerda Almeida

ARQUIVOS DE FOTOS

Arquivos pessoais da artista e pesquisadora Carina Lacerda

Flávio Lamenha

Patriny Aragão

Elizabeth Carvalho

Fernando Pereira

Pedro Lacerda

WWW Filmes

Tássio Tavares

Jailson Lima

Robério Brasileiro

Fredson Adjar

PROJETO GRÁFICO

Suellen dos Santos Gomes

Resumo

A presente pesquisa visa desenvolver percepções sobre os processos criativos e suas múltiplas maneiras de manifestação, a partir do mergulho na realidade de ser ribeirinho que vivencia a natureza e reflete sobre a tridimensionalidade no bioma da Caatinga e os cuidados que este bioma e a natureza precisam. Trazer esta pesquisa de artista enquanto escultora e mulher ribeirinha do semiárido nordestino para a universidade é gerar/inserir material de pesquisa a partir deste referencial na academia. Donna Haraway, Isabelle Anchieta, Frans Krajcberg, Herbert Read, Carl Einstein, entre outros criam diálogos e alimentam esta pesquisa e prática artística, postulando questões de gênero nas artes (e especificamente na escultura e nesta região), de feminismo, de ciborguismo, de sustentabilidade, de natureza, desenho e tridimensionalidade.

Palavras-chave: Escultura. Tridimensional. Coleta sustentável de matéria-prima. Caatinga. Figuração e abstração.

Abstract

This research aims to develop perceptions about creative processes and their multiple ways of manifestation, based on diving into the reality of being a riverside person who experiences nature and reflects on the three-dimensionality of the Caatinga biome and the care that this biome and nature need. Bringing this artist's research as a sculptor and riverside woman from the semi-arid northeast to the university is generating/inserting research material based on this reference in the academy. Donna Haraway, Isabelle Anchieta, Frans Krajcberg, Herbert Read, Carl Einstein, among others, create dialogues and feed this research and artistic practice, postulating issues of gender in the arts (and specifically in sculpture and in this region), feminism, cyborgism, sustainability, nature, design and three-dimensionality.

Keywords: Sculpture. Three-dimensional. Sustainable collection of raw materials. Caatinga. Figuration and abstraction.

Sumário

INTRODUÇÃO

O segredo e o labor cuidadoso do Bioma Caatinga.....	15
A percepção da Caatinga como Labirinto encantado	23
O olhar ribeirinho e as árvores mortas.....	25
A arte escultórica na Caatinga	28

I COLETAS E OBSERVAÇÃO

Apontamentos sobre observação: o olhar e ver	32
A imagem e as Árvores sagradas.....	35
Formas de coleta	48
1. Coletas Manuais.....	50
2. Coleta com ferramentas perfuro-cortante.....	54
3. Coleta com ferramentas de corte elétricas.....	58
4. Coleta de árvores de grande porte com a motosserra	62
5. Coleta de foguedos juninos.....	72
6. Coleta de pedaços de madeira no caminhar	77

II CONSTRUÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Tintas artesanais e paleta de cores.....	82
Caderno de ateliê com projeto gráfico e teste das tintas orgânicas.....	88
AURÉLIO: uma Caatinga para teus sonhos	86
Construção das páginas sobre o Mestrado em Artes Visuais - PPGAV na web.....	100

III - A TRANSIÇÃO ENTRE FIGURAÇÃO E ABSTRAÇÃO

A importância da carranca de peito. Para quem? E para quê?.....	108
Exposição Bandeiras Museu Murillo la Greca	114
Projeto PIBEX, UNIVASF Campus Juazeiro-BA	126
Projeto PIBEX, UNIVASF Campus São Raimundo Nonato-PI	135
Mostra flutuante	144
Painel Visualidades.....	150
Panteão	158

IV - EXPOSIÇÃO REENCANTADAS

INSTALAÇÃO 01 - Labirinto	172
INSTALAÇÃO 02 - Fogaréu	174
INSTALAÇÃO 03 - Ninho de beija-flor.....	178
INSTALAÇÃO 04 - AURÉLIO: uma Caatinga para teus sonhos	184
INSTALAÇÃO 05 - Espelho de Oxum. Memórias e Movimento.....	193
INSTALAÇÃO 06 - Caatinga é mata branca.....	200
INSTALAÇÃO 07 - Partes.....	208
INSTALAÇÃO 08 - Santa Morte.....	212
INSTALAÇÃO 09 - Organelas dançam com Jupagos Krekás.....	220

Conclusão	229
-----------------	-----

EPÍLOGO - SERTANINA

Sertanina	232
-----------------	-----

Referências.....	240
------------------	-----

Introdução

O SEGREDO E O LABOR CUIDADOSO DO BIOMA CAATINGA

Árvores secas, galhos quebrados, caminhos percorridos e deixados por pequenos insetos no caule das árvores, detalhes observados com olhar treinado, nos mostram um novo código tridimensional, a matéria-prima coletada de árvores mortas, que se transformam em esculturas, nos fazem refletir sobre a produção escultórica Caatinga e como esse bioma necessita ser cuidado.

Esta pesquisa trata sobre a produção de arte tridimensional no Sertão do Semiárido Brasileiro, levando em conta a forma como é coletada a matéria-prima, e todo seu processo criativo, com o objetivo despertar reflexões no espectador, considerando o contexto socio-cultural, bem como os estudos mais avançados das academias.

Para poder plantar e fecundar essa semente me apoio em teóricos como: Donna Haraway, Isabelle Anchieta, Hans Belting, Michael Archer, Herbert Read e o artista Frans Krajcberg, que embasam uma filosofia pessoal de vida e trabalhos nos quais acredito e que alicerçam minha prática artística há décadas. Através dessas referências teóricas apresento os benefícios da prática escultórica em madei-

ra de árvores mortas, iniciada com as ferramentas elétricas por mulheres no bioma Caatinga e a construção de um olhar que foi responsável pela transgressão nas relações entre a coleta e a prática escultórica, apontando para a presença do ciborguismo e do feminismo atuando na formação de um pensamento crítico.

Essa pesquisa será feita de modo consecutivo, com classificações informais e atemporais, iniciando pelos relatos e memórias sobre a fase figurativa, passando pela transição, concluindo com a evolução para a abstração, em exposições que serão realizadas com apoio educativo e institucional no SESC - PE, configurando Sertanina enquanto epílogo.

Uma síntese para pensar através dessas esculturas e mundos que muitas vezes não estão perceptíveis aos nossos olhos, mundos dispersos em cotidianos múltiplos e variados. Há espaços e lugares que existem e são imperceptíveis, mas estão nas esculturas. Elas não se limitam a ser um objeto tridimensional, mas sim, obras que se comprometem com o espaço e o tempo, extensões paralelas à realidade física. A casa de alguém. A existência de algo. Detalhes que estão embutidos em um pequeno galho, em uma raiz ou caule, e às vezes até na casca ou na semente.

“A regra deveria ser única e simples: onde quer que seja possível fazer uma planta viver, deve haver uma.” (Mancuso, 2024).

As esculturas e linguagens artísticas exploradas são também resgate de memória para se relacionar com algo no tempo e na ancestralidade, para além disso incitar o ato perceber que fazer escultura, muitas vezes, depende do resgate de uma árvore e este depende de muitos fatores, inclusive o poder aquisitivo. Por esse motivo, ao contemplar as esculturas da exposição, o espectador será provocado a lembrar que moramos em um ecossistema, que precisa ser cuidado. Em

Natura, Krajcberg relata:

“Vista da terra, a terra, parece uma pequena bola, toda frágil, dominada não pelas atividades e construções do homem, mas por nuvens, oceanos, vegetação, solo. A partir do espaço, podemos nos inclinar sobre a terra e estudá-la como um organismo vivo, cuja saúde depende de todos os seus elementos. A distância, por paradoxal que pareça, nos aproxima da realidade global”. (KRAJCBERG, 2008, p.48-49).

Nessa passagem, o artista polonês, claramente, enfatiza a existência de um paraíso e a convivência com sua lógica, aprender sobre ele. A coleta me ensinou sobre isso, caligrafia do Semiárido, esse território de bioma que estão cinzelados como em uma grande escultura produzida pela natureza através do tempo. Conhecer os atributos, cores, formas e desenhos que o bioma Caatinga nos oferece são objetivamente importantes para treinar o olhar.

A dimensão de grandeza física e poética presente na tridimensionalidade do Sertão, como de outros lugares que coletei pedaços de madeira pequenos e os transporte comigo até o ateliê, é a fórmula que inseri na exposição, oportunizando o espectador a conhecer melhor essa prática ativista.

No primeiro capítulo, dissertei sobre as coletas de madeira e árvores mortas e discutirei a relação com a arte tridimensional e a produção escultórica na Caatinga. Para que, então, se abrisse uma proposta de diálogo, em função da fruição e rede de reflexão de um objeto tridimensional produzido com a matéria-prima de madeira coletada nas ruas, cemitérios de árvores, portas de madeiras e caminhos percorridos. Como um passo além para a obra acontecer, não só em ideia e pensamento, mas o objeto em si, explorando a metáfora, a alegoria e a ironia, pelo fato de se tratar de novos modos de subjetivar, reformulando a experiência do que é comum.

Essa pesquisa é também um questionamento a esses va-



lores artísticos e uma explanação de todo processo criativo que envolve a pesquisa do PPGAV UFPE/UFPB, possibilitando experienciar o trabalho da artista e conhecer sua obra. Discorre Krajcberg:

“A maneira que encontrei de exprimir minha indignação, foi de transformar em arte os restos mortais da natureza que o homem violenta, levando cinzas, árvores tornadas carvão, cipós retorcidos e raízes extirpadas de seus chãos às galerias e museus de arte do mundo”. (KRAJCBERG, 2008, p.60).

Mas, ser indagado por esculturas de madeiras de árvores mortas, não é algo comum. A partir disso, temos um posicionamento político para fazer pensar a sociedade de consumo, denunciando o desmatamento e o descaso com o processo de desertificação da Caatinga, através do registro de imagens, assim como de explicações e ponderações, que tornam possível aprofundar as escolhas, problematizações e soluções, ofertando ao espectador visualidade, materialidade e espacialidade das obras apresentadas.

No segundo capítulo, fiz abordagens já partir de Haraway e de Anchieta sobre o ciborguismo e feminismo, pelo fato de ambos estarem interligados à construção de meu pensar artístico. Organizei do início, desde as coletas, a construção de páginas na web sobre esta pesquisa, o modo como projeto gráfico e as exposições foram feitas, envolvendo instalações, signos, histórias e memórias, a partir da fase figurativa, a transição até a abstração, juntamente com as mudanças fundamentais para a criação de um pensamento autoral e formulei Sertanina enquanto conclusão (se é que este existe em um processo artístico.)

No terceiro capítulo falei sobre a transição entre figuração e abstração, apresentando a importância da carranca de peito (uma obra que circulou não só no Brasil, mas também,

em outros países, como Holanda Dinamarca, Itália, França e Portugal, Colômbia e EUA). Pontuei como divisor de águas, a exposição Bandeiras, sendo a primeira exposição que interage com a paisagem do museu e da cidade, alcançando o espaço tridimensional a partir de imagens bidimensionais de carrancas que esculpi em madeira.

No quarto capítulo dentro dessa perspectiva, buscando maturidade autoral através da Exposição 'Reencantadas', que foi realizada em conjunção com a artista recifense e mestranda Patriny Aragão, investigando a abstração, dialogando sobre a controvérsia, a profanação de objeto, apontando sua contribuição, no sentido de imprecisão e de não corroborar versões do mundo real às quais questionamos.

“O importante é fazer as coisas com gosto. E se escolheu um tema que lhe interessa, se decidiu dedicar realmente a tese o período que lhe foi prefixado (...), verá agora que a tese pode ser vivida como um jogo, como uma aposta, como uma caça ao tesouro”. (Eco, 2005, p.174)

A abstração veio ao utilizar o substrato de tudo que a árvore morta do sertão oferece, desde o caule, galhos, raízes, o substrato, o retorno, a biomassa: a conjunção, o eu misturado a matéria-prima como se fosse um só. A dissertação não foi seguida de uma ordem cronológica desde o tempo das coletas, pois, as questões de como transformar as formas da natureza em esculturas, o questionamento e tensão entre o figurativo e o não figurativo, vem de uma junção de coletas antigas com coletas recentes, através das quais recrio um contexto artístico que dialoga com os territórios ribeirinhos em sua contemporaneidade.

É importante ressaltar que grande parte da pesquisa é visual, pois as fotografias também são informações para serem lidas e apreciadas em sintonia com o texto. Ou seja, aqui eu falo sobre a importância da leitura de imagens.



A PERCEÇÃO DA CAATINGA COMO LABIRINTO ENCANTADO



FOTO: ROBERTO BRASILEIRO





O OLHAR RIBEIRINHO E AS ÁRVORES MORTAS





A ARTE ESCULTÓRICA NA CAATINGA: SERES HÍBRIDOS E A MISTURA DO HUMANO COM A MÁQUINA

Essa pesquisa foi realizada através de observações em de coletas de madeira, visitas a museus e galerias, realização de exposições e práticas, tanto no sentido das coletas quanto na construção de páginas nas redes sociais, como You Tube, Twitter, Instagram e Facebook devido à questão do longo alcance da internet

Neste contexto, será levantado um histórico da produção da pesquisa em quatro capítulos nos quais trato da produção escultórica com árvores mortas que se transformam, aqui no Vale do São Francisco, apresentando desde os processos criativos iniciais de coleta e vai até as exposições, analisando a aproximação entre o público e a obra, com um posicionamento político evidenciando o machismo, defendendo o feminismo e denunciando a sociedade do consumo, trazendo o espectador, para a fruição e reflexão sobre as esculturas em madeira, mostrando a figuração, no entanto, fazendo um retorno até os elementos e desenhos primordiais da natureza, mostrando a vegetação do bioma caatinga como uma esculturas naturais, feitas lentamente através do tempo.

A transição do olhar do modo figurativo para a abstração acontecerá através de mostra de páginas na internet e exposições que serão realizadas, e logo após o educativo.



A close-up photograph of cork bark, showing its characteristic layered and cracked texture. The colors range from light tan to dark brown. The text is overlaid on the right side of the image.

COLETAS E OBSERVAÇÃO

APONTAMENTOS SOBRE OBSERVAÇÃO: O OLHAR E VER





A IMAGEM E AS ÁRVORES SAGRADAS





A isso sinto que se acrescenta o fato de perceber os expoentes que não se pretendia, em se fazer interpretações pertinentes, conferindo ao objeto tridimensional um caráter místico, com movimentos que não cabem em uma imagem, e assim a Caatinga não se configura ensimesmada, mas interconectada/relacionada com questões além de si.

“O conceito de imagem, só pode enriquecer-se se falarmos de imagem e meio como as duas faces de uma mesma moeda, que são impossíveis de separar, embora estejam separadas pelo olhar e signifiquem coisas diferentes. Não basta falar do material para dar lugar ao conceito de meios, que está na moda. O meio caracteriza-se justamente por englobar como forma (mediação) da imagem as duas coisas que se distinguem nas obras de arte e nos objetos estéticos.”. (BELTING, 2014, p 23).

Sinto que isso diz muito sobre o sertão e as sertanejas. Perceber o processo de desertificação da caatinga e uma árvore que jaz não é algo simples, é contundente, muitas vezes é tristeza e essas obras são uma extensão do que eu vivo, do que trabalho prático e acredito. Ver e perceber os movimentos que formaram os galhos. Sentir e caminhar sobre suas areias, observando o desenho que forma as sombras dos seus galhos e ver algumas de suas raízes ainda fincadas ao chão, o mesmo chão que é o caminho do passantes. Caatinga é um bioma que apresenta clima seco e vegetação com pouca folha, adaptada para o período de secas, além de sua grande biodiversidade na maioria do tempo é ocre, cinza e amarela, mas sempre tem umas plantas que dão lindos pendões e frutos vermelhos encarnados, rosas e laranjas. Caminhar pelo sertão é andar pelo abrigo dos códigos da natureza, é bem saudável e faz parte da vida.









FORMAS DE COLETA



1. COLETAS MANUAIS

As coletas são iniciadas sempre no primeiro dia da semana e são realizadas primeiro como olhar, onde são procurados galhos e raízes com movimento e coletados com a mão, acontece nas ruas, portas de madeireiras e na caatinga.





2. COLETA COM FERRAMENTAS PERFURO-CORTANTE

São coletas que necessitam de um auxílio de ferramentas perfuro cortantes para facilitar a sua remoção, pois às vezes a madeira está entranhada na terra.

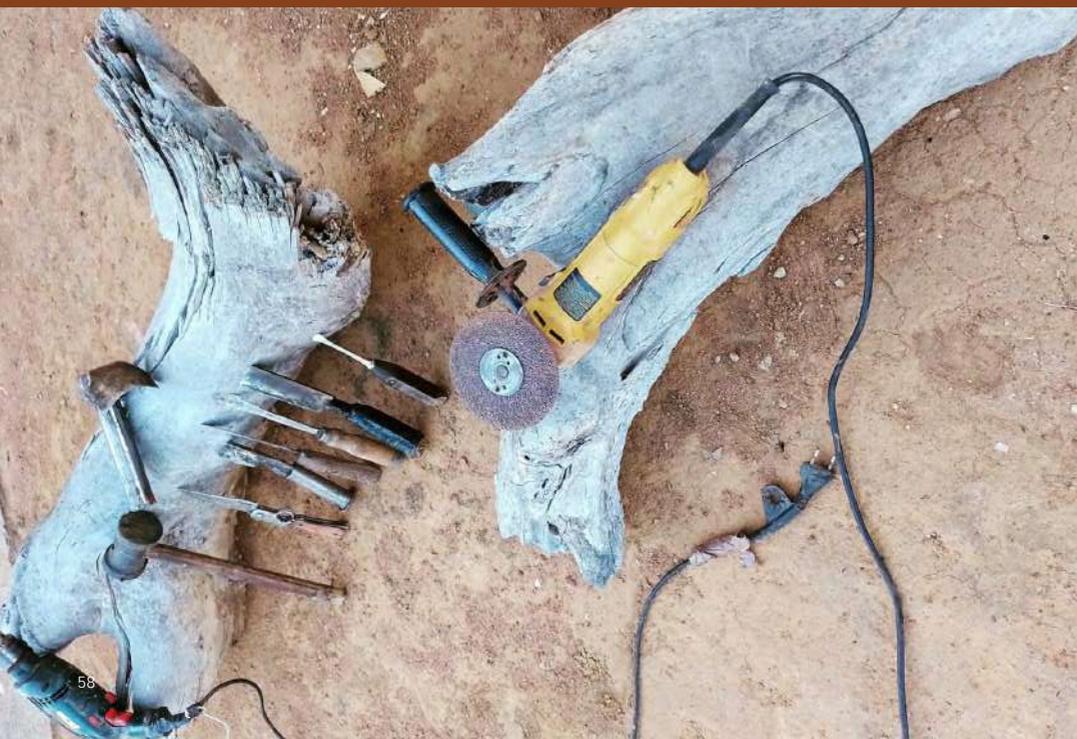




3. COLETA COM FERRAMENTAS ELETÔNICAS

Esse tipo de coleta serve para obter galhos e raízes de médio porte.

“As novas tecnologias afetam as relações sociais tanto da sexualidade quanto da reprodução, e nem sempre da mesma forma”. Os estreitos vínculos entre a sexualidade e a instrumentalidade — uma visão sobre o corpo que o concebe como uma espécie de máquina de maximização da satisfação e da utilidade privadas — são descritos de forma admirável, nas histórias sociobiológicas sobre origem que enfatizam o cálculo genético e descrevem a inevitável dialética da dominação entre os papéis sexuais femininos e masculinos. (HARAWAY, 1985, p.74).





4. COLETA DE ÁRVORES DE GRANDE PORTE COM A MOTOSSERRA

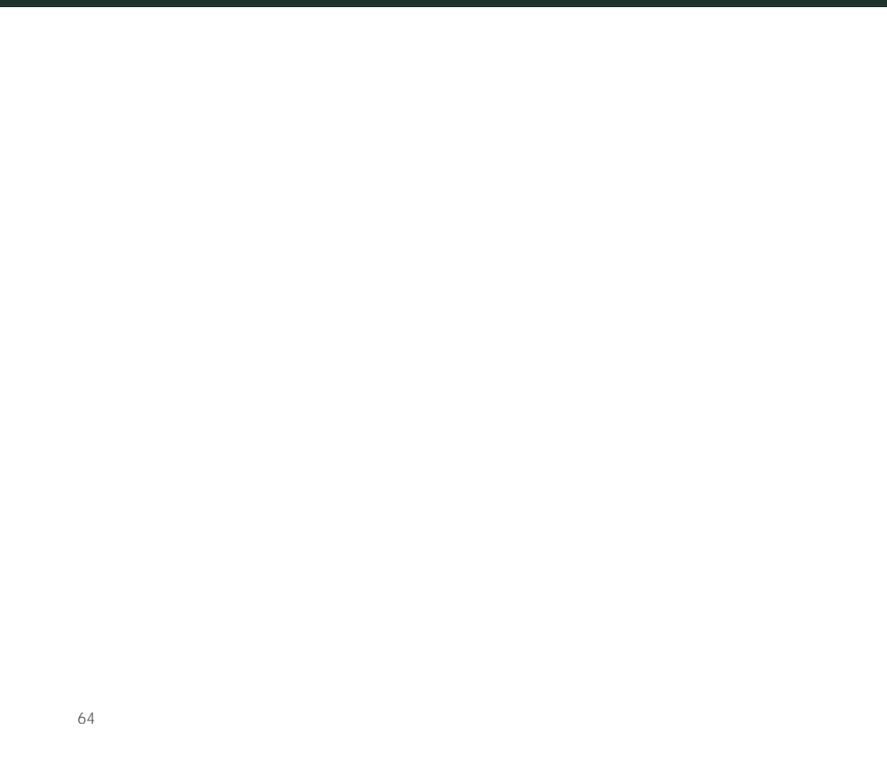
Coleta feita com a motosserra como o objetivo de diminuir o porte da árvore e assim facilitar seu transporte até o ateliê.





“Em nossa discussão sobre arte, “forma” tem o mesmo significado. A forma de uma obra de arte é o aspecto que ela assume. Não importa que se trate de um edifício, uma estátua, um quadro, um poema ou uma sonata-todas essas coisas assumiram um aspecto particular ou especializado, e esse aspecto é a forma da obra de arte”. (READ, 2001, p. 17).

Eu nunca me coloco em conflito com a forma de uma árvore, tentando mudar sua forma, sempre aproveito os movimentos dos galhos e troncos, aproveito os abraços que elas se dão ao longo de sua vida. Esses movimentos nos galhos ao serem respeitados, mudam a estrutura da escultura de maneira muitas vezes imprevisível, assim como as forças aleatórias da Natureza são imprevisíveis e imponderáveis, as árvores originaram sua maneira própria de se manterem seguras nas





entranhas da terra e de se segurarem através das próprias raízes como se fossem seres conscientes de sua própria existência, é através desse movimento das raízes que elas se atrelaram ao chão o que me faz fascinada pelas raízes que consigo coletar.

Normalmente, procuro respeitar a maioria das curvas dos galhos, é o caso da série Suçuarana, esculpidas em galhos da árvore fixos, representação desse animal caminhante do território brasileiro, bastante presente no bioma Caatinga. Tem uma cena, no filme Senhor dos Anéis, que me inspira muito quanto a fazer esculturas assim: é a cena que as árvores árvores fazem uma reunião e decidem lutar contra os orcs. Ver as árvores vencendo, pelo menos na ficção dá uma sensação de justiça.







5. COLETA DOS FOLGUEDOS JUNINOS

Essa coleta é anual e acontece durante às festividades juninas após a queima das fogueiras.

“Fazia peças românticas e comecei a sentir que precisava encontrar um modo de exprimir minha revolta e de denunciar tudo o que estava acontecendo” (KRAJCBERG, 2007, p.38).







6. COLETA DE PEDAÇOS DE MADEIRA NO CAMINHAR

Essa coleta acontece pelas ruas que caminho, nas portas de madeira e em viagens.



“Quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas. De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto aquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como arte, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado não me parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som palavras, pessoas, comidas e muitas outras coisas. (...) Embora a pintura possa continuar sendo importante para muitos, ao lado dos artistas tradicionais há aqueles que utilizam fotografia e vídeo, e outros que se engajam em atividades tão variadas como caminhadas , aperto de mãos ou o cultivo de plantas.” (ARCHER. 2001, pf.).



FOTO: FERNANDO PEREIRA



The background is a close-up photograph of a piece of wood, showing its natural grain and several horizontal layers or planks. The wood has a warm, brownish-tan color with darker, almost black, charred or stained areas, particularly in the recessed spaces between the layers. A large, semi-transparent brown graphic element, consisting of two vertical bars connected by horizontal bars at the top and bottom, is positioned behind the text. The text is white, bold, and sans-serif, centered horizontally and partially overlaid by the graphic.

**CONSTRUÇÃO DO
PROJETO GRÁFICO**

TINTAS ARTESANAIS E PALETA DE CORES

Esse capítulo, dedica-se a um processo que surgiu durante a pesquisa, uma ação proveniente da observação de cores que as madeiras apresentavam durante as coletas, as cores que as árvores da caatinga podiam oferecer. Como eu iria precisar de tinta para pintar algumas esculturas da exposição, fui testando algumas cores até conseguir extrair os pigmentos naturais das próprias coletas para formar uma paleta. Relativamente procurei estabelecer uma base de entendimento, com as cores investigadas, usando álcool, que também é um derivado natural.

A maioria dos aspectos das tintas é característica da sua própria madeira, e é notável que as suas cores orgânicas foram de grande importância para o processo criativo da exposição, pois significa colocar a essência dessas árvores, em uso total do que ela pode nos oferecer.

A necessidade de fazer tintas surgiu ao pensar na produção natural de tintas para as esculturas da exposição. Para isso usei como infusão, álcool a 70%. E consegui fazer uma paleta de 29 cores, a partir de materiais orgânicos da Caatinga.

Os resultados dos testes, deram certo para a madeira e para o papel e, a partir daí, surgiu a instalação: Aurélio uma Caatinga para teus sonhos.

O desdobramento dessa criação de tintas artesanais trouxe a possibilidade de interação do espectador para experimentação das tintas nos papéis na instalação.





**AURELIO:
UMA CAATINGA PARA OS TEUS SONHOS**



CADERNO DE ATELIÊ COM PROJETO GRÁFICO E TESTE DAS TINTAS ORGÂNICAS

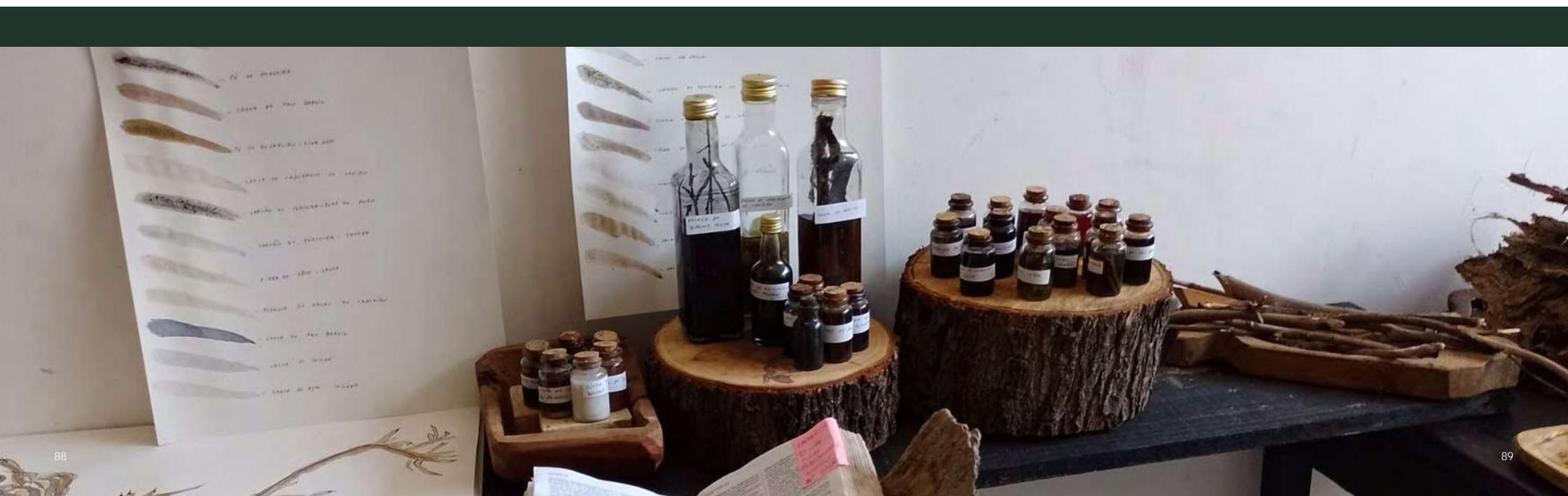
Esse caderno de ateliê foi criado durante a construção do Projeto Gráfico da pesquisa e fará parte da instalação *Aurélio: uma Caatinga, para teus sonhos*. Nele consta os experimentos das tintas orgânicas que foram produzidas artesanalmente, nas madeiras, e também as testando como tinta para papel, consta planejamento e desenhos das instalações, como também o pensamento que girou em torno da construção dessa pesquisa através de alguns desenhos de alguns pedaços de madeiras coletados que farão parte da exposição.

Quanto se trata de uma exposição com elementos da Caatinga é necessário pedir licença aos encantados que as habita. Esse pedido de licença, um prenúncio de que, nós

enquanto humanos, precisamos tentar compreender nosso verdadeiro papel enquanto seres vivos. Anuncia um projeto, necessário, que nos ajude a entender que precisamos dessa conexão enquanto ecossistema e essa é uma das formas de nos sentir conectados a esse território profundamente generoso, não apenas admirá-lo, mas ter o cuidado de ver suas necessidades tanto quanto nós, temos as nossas.

Compreender que tudo que está ali é oração, poesia, cor, forma e movimento. O vento que sopra leve e suave em seu rosto, o sol que horas ferve, horas fica morno, a mata que horas é cinza e hora é verde, a água do rio que se movimenta mansamente, anuncia um projeto de equilíbrio que nem sempre é respeitado.

A imagem abaixo com a busca das cores orgânicas, não é simplesmente uma foto, é a linha de um milésimo do Bioma Caatinga que eu habito, bioma esse, único no planeta. Mas uma vez, busco Krajcberg, para afirmar:

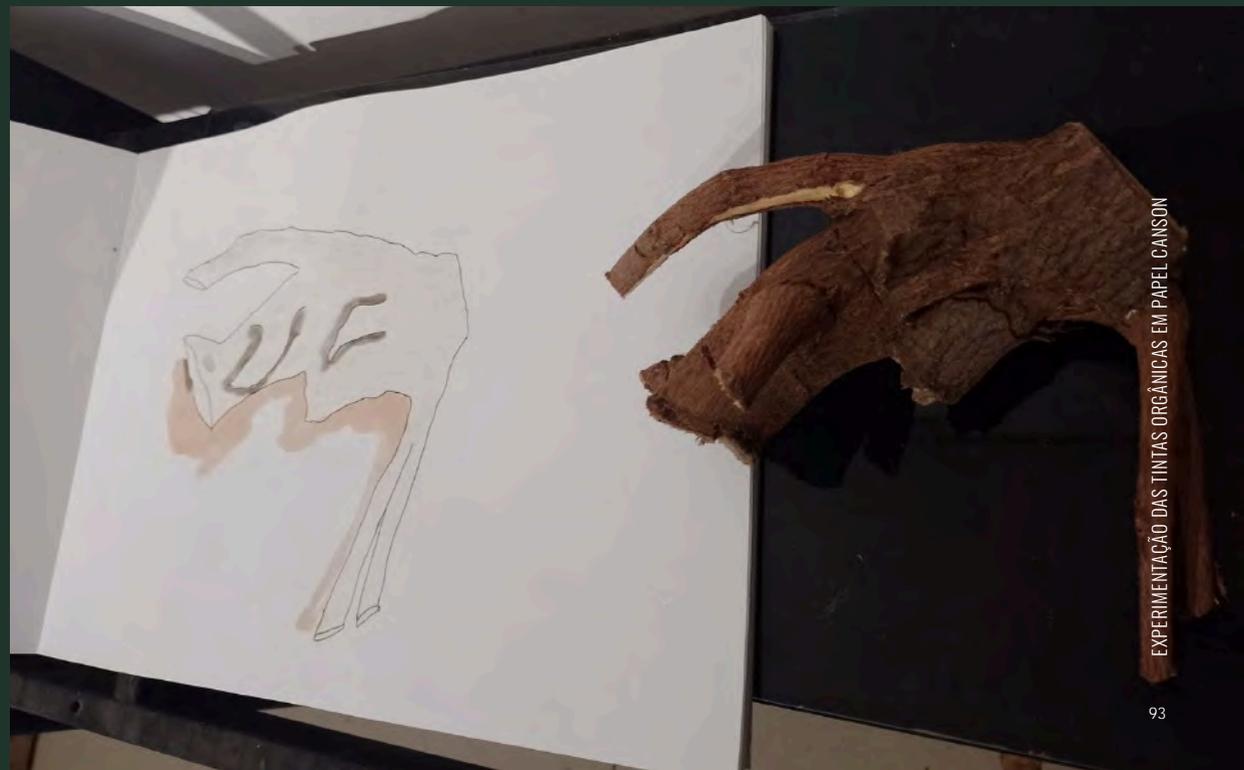


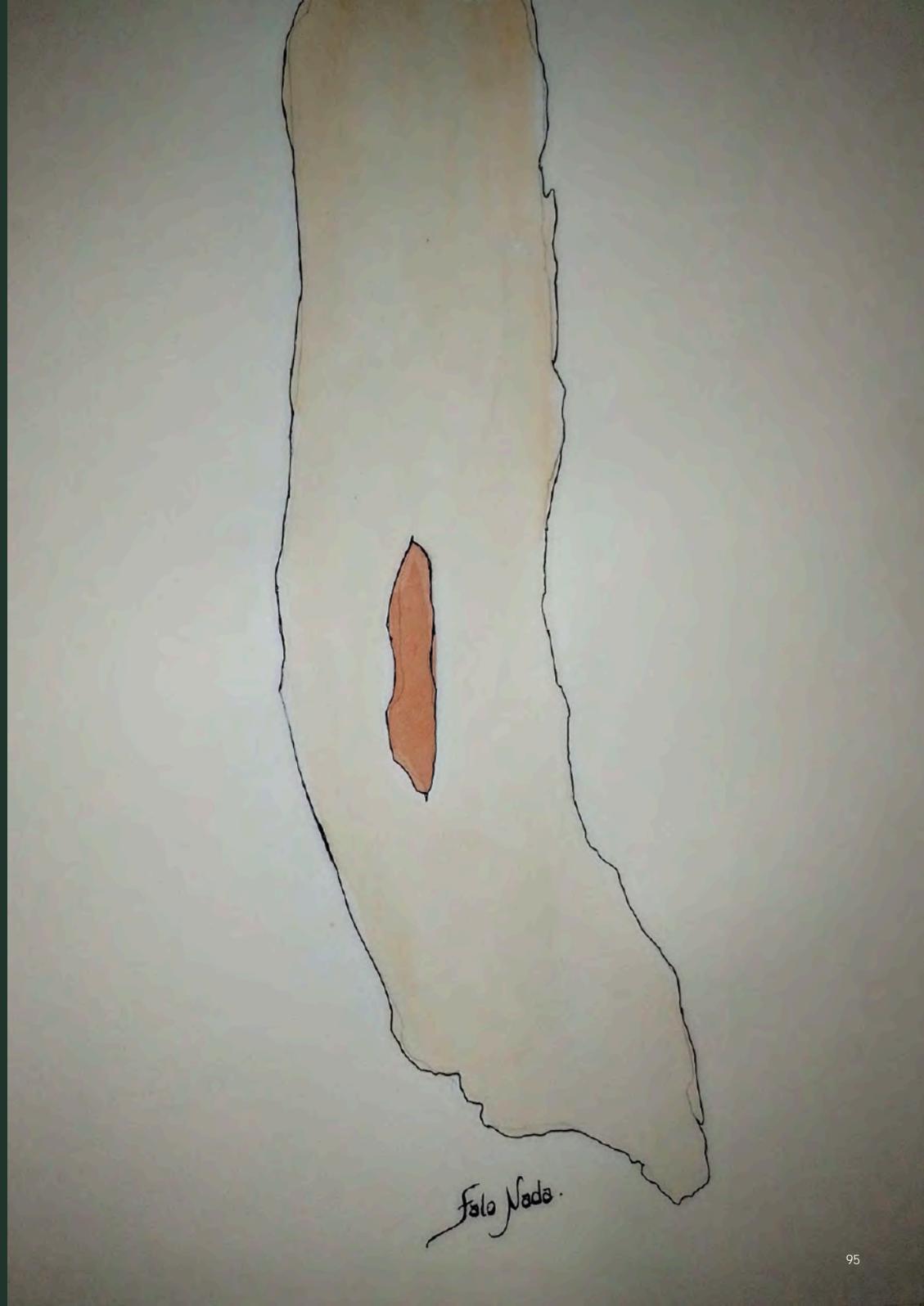


“Todas as minhas cores vêm de Minas e tenho uma grande reserva em Nova Viçosa. São terras que apanho no chão ou pedras que quebro com martelo e as trituro mais ou menos finas de acordo com o que quero produzir,” (KRAJCBERG, 2007, p.38)

As cores que consegui captar das madeiras de coleta na Caatinga, foram dos tons verdes, ocre, amarelo, brancos, pretos, marrons e avermelhados. Claro, tenho certeza das incontáveis cores e tons, que esse bioma pode nos oferecer, desde que sejam buscadas com consciência. Aos meus olhos, fiz inúmeras tentativas de cores para as tintas orgânicas. Nem todas deram certo, pois se trata de experimentos e ainda continuam. Na anterior, estudo da cor marrom, e nas imagem seguintes trago a casca de caule seco do umbuzeiro que originou a cor: cinza azedo em menção ao delicioso fruto dessa árvore, que é azedo.

A carqueja também é um arbusto de alta resistência, durante a seca fica cinza, mas quando chove, onde ela está, tudo se torna verde.





Falo Nada.





CONSTRUÇÃO DAS PÁGINAS SOBRE O MESTRADO EM ARTES VISUAIS - PPGAV NA WEB

O fenômeno internet é notável em todo o planeta, o desenvolvimento do ser humano e da tecnologia tornou o acesso ao mundo digital de forma coletiva e amplo ao mundo das imagens. Como se fosse uma mágica, estar em contato com a tela colorida e veloz de um objeto eletrônico e tecnológico que te faz ver coisas, paisagens, artistas, obras de arte e vídeos é algo revolucionário e encantador, ou diria viciante.

Para que eu sentisse essa pesquisa mais ampla, no sentido de difundir as minhas mensagens e pensamentos, parti para a construção de páginas na rede mundial, para com isso divulgar a minha pesquisa pela universidade. De alguma maneira os seres humanos têm necessidades de interferências, no nosso corpo, por isso nos tornamos o nosso corpo impuro, no sentido de não sermos totalmente naturais, no sentido de todo corpo interferido, ser um corpo ciborgue. Então primeiro tive a ideia das máquinas elétricas para esboços, e depois descobri a Web como essa ferramenta potente que é. Em referência ao conhecimento da filosofia e ciência, chamo a filósofa Donna Haraway novamente:

“Esse ensaio é um esforço para construir um mito político, pleno de ironia, que seja fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo. Um mito que poderá ser, talvez, mais fiel — na medida em que a blasfêmia possa sê-lo, — do que uma adoração ou uma identificação reverente”. (HARAWAY, 2003, p. 35).

A construção dessas páginas nas redes sociais tem o obje-

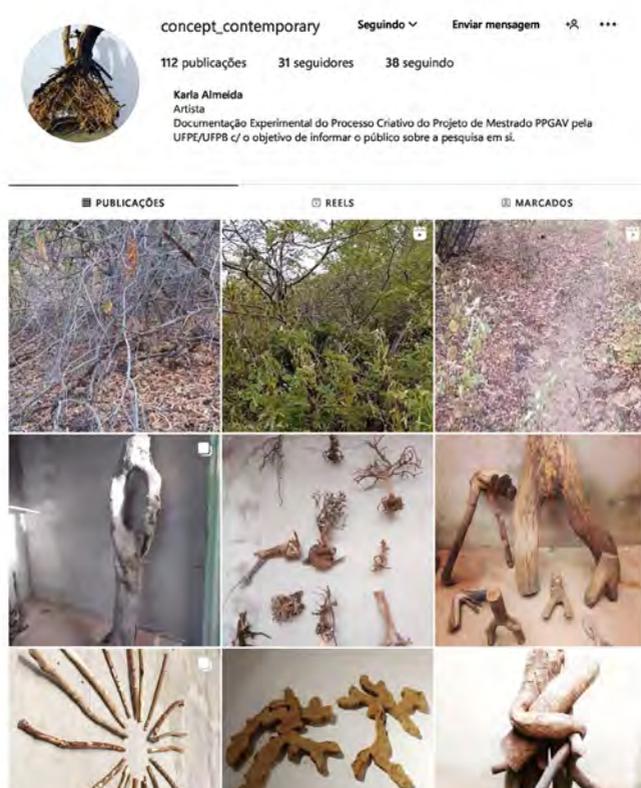
tivo de registrar os processos criativos e de se conectar com um maior número de pessoas, diversificando público, despertando interesse para a prática do Tridimensional na caatinga e informando-as sobre esse tema de discussão necessária, apesar dos algoritmos que restringem a função das redes de criar conexões. Também realizar fotografias, editar de acordo com a proposta/planejamento, disponibilizar caixas de perguntas, realizar *lives*. A era digital propicia novas possibilidades enquanto expressão tecnológica, não é apenas um suporte, mas o próprio objeto artístico exposto virtualmente.

Ao perceber o quanto interagimos com as atividades tecnológicas e digitais, me vem um misto de entusiasmo e inquietação, afinal teria a imagem na internet, o caráter de movimento de uma escultura? Pois afirmo, que a maior dificuldade que tive e tenho é fotografar as esculturas, para conseguir mostrar pelo menos cinquenta por cento do que elas são.

Para isso, e por se tratar de páginas com caráter artístico, busquei teóricos que pudessem me ajudar nessa jornada, e encontrei Susan Sontag, que discorre da seguinte maneira:

“A fotografia dá a entender que conhecemos o mundo se o aceitamos tal como a câmera o registra. Mas isso é o contrário de compreender que parte de não aceitar o mundo tal qual ele aparenta ser. Toda possibilidade de compreensão está enraizada na capacidade de dizer não. Estritamente falando, nunca se compreende nada a partir de uma foto”. (SONTAG, 2004, p. 33).

A construção das páginas Instagram, Twitter, YouTube e Facebook ainda estão em andamento, devido à melhor compreensão de como funcionam, mas que servirão de estratégia, potência, visualidade para chamamentos e criação de grupos físicos futuramente.



Página do Instagram @concept_contemporary

“O individualismo, nesse sentido, é, sobretudo, a expressão de um desejo moderno, uma tendência a crer que o indivíduo deve libertar-se dos outros, das coerções e dos limites e viver com liberdade e autonomia. Concepção pouco plausível e desligada da vida prática e social, pois o indivíduo só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com os outros”. (ANCHIETA, 2019, p. 111-112).

A forma como uma imagem pode ser apresentada, informa o público motivos dessa pesquisa e alerta sobre cuidados com o bioma, além de proporcionar certa vantagem à imagem da mulher ri-beirinha enquanto ser pensante, fica mais acessível, democrática, sem fugir da possibilidade de uma autocrítica, ou seja, ela também



Foto da publicação no Twitter da página @anirackarla de 08/OUT/2022








O tridimensional na Caatinga
 @otridimensionalnacaatinga5490
 6 inscritos

INÍCIO VÍDEOS SHORTS >

Shorts



Transporte de Raiz de Flamboyant tratada, para...
 179 visualizações



Descascamento de árvore morta, no Campus UNIVASF...
 411 visualizações

Envios ▶ Reproduzir tudo



Canal no Youtube @otridimensionalnacaatinga5490

se rebela aos princípios mercadológicos que a criaram, saindo do sistema, virando artista e indo para além, girando pesquisadora. Várias artistas ribeirinhas, como Fernanda Luz (atriz), Camilla Yasmine (cantora), Carine Oliveira (musicista), fizeram isso, inclusive esta artista que vos fala.


orixahs_o_panteao Seguir Enviar mensagem + ...

15 publicações 28 seguidores 63 seguindo

Série: O Panteão. Orixás. A obra da minha vida.
 ARTISTA
 Rua Araucária, 890, Vila Esperança, Petrolina-PE.

PUBLICAÇÕES MARCADOS



Canal no Instagram @orixahs_o_panteao

A photograph of a single, large, white, multi-petaled flower growing in a cracked, dry, brown landscape. The flower is positioned on the left side of the frame. The ground is dark brown and heavily cracked, with a prominent crack running diagonally from the top left towards the center. The overall scene is arid and desolate.

A TRANSIÇÃO ENTRE FIGURAÇÃO E ABSTRAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DA CARRANCA DE PEITO. PARA QUEM? E PARA QUÊ?

Para a artista criadora, como obra autoral e para a comunidade de gênero feminina como símbolo de transgressão. Para o que entende o real sentido da palavra “carranca”. Zaia é uma carranca de peito, com identidade, nome e numeração, esculpida como intuito de fazer uma cara muito feia para os espíritos da misoginia. Segundo MOREIRA:

“A palavra carranca significa basicamente cara feia ou disforme e como carrancas ficaram conhecidas as figuras de proa ou cabeças de proa das barcas utilizadas na região do médio Rio São Francisco, esculturas de madeiras colocadas na proa das embarcações, cuja função e origem na história da navegação é ainda bastante discutida.”. (MOREIRA, 2006, p. 17)

A carranca de peito Zaia, é uma obra que foi criada com proposta e ressignificação, em época de grande preconceito e misoginia, por tentar me profissionalizar como artista escultora no Semiárido. Não estou aqui maximizando, pois tenho consciência do meu papel como artista mulher, rejeitada pelo patriarcado, pois se, aconteceu com todas, comigo não seria diferente. Sobre o preconceito:

“No seu sentido usual, o preconceito implica um julgamento prematuro e inadequado sobre determinada





coisa ou ainda uma opinião formada sem reflexão. Do ponto de vista do sociólogo norte-americano Gordon Willian Aalport (1954) (...) segundo esse autor, o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente. (CARVALHO, 2012, p. 144).

Ao verem que eu estava esculpindo seios, construindo, retirando de dentro do seu corpo cilíndrico, os peitos, explorando a tridimensionalidade do tronco, começou o falatório: de que eu estaria “erotizando as carrancas”, que aquilo era uma “imoralidade”. Como postula ANCHIETA, para reafirmar meu pensamento, em não restringir apenas a carranca uma experiência retiniana e sim uma arte conceitual, debochada e desafiadora. Relata Anchieta que:

“Nesse sentido, Madalena foi para as artes visuais, o que o purgatório foi na literatura de Dante: um discurso visível que dará expressão aos estados de espíritos de uma sociedade atormentada pela sensação de que seus atos na vida privada influenciavam na fúria divina. Era uma imagem que oferecia sobre tudo um caminho a seguir, uma pedagogia da salvação”. (ANCHIETA, 2019, p. 115).

Se o corpo do homem sem camisa pode não ser erotizado, que o da mulher igualmente deveria não ser erotizado. E a carranca de peito também propõe este debate: de que o corpo do homem é tão diferente do corpo da mulher quanto o contrário, pois a ideia de diferença pressupõe reciprocidade. E ainda que não perceber isso é preconceito e limitação intelectual socialmente





normalizada. Assim, este entendimento de que se trata de erotização, nada mais é do que censura às mulheres pelos homens, que sempre a demonizam ou santificam. E a relação da imagem da mulher até hoje é sempre condicionada pela da santíssima Virgem Maria ou pela pecadora despudorada prostituta bíblica Madalena .

Zaia foi capaz de intervir no cotidiano, não só das mulheres, mas também, das que se sentem mulher, pela comunidade lgbtqia+ e pró-feministas, cumprindo seu papel para o qual foi designada, mesmo que de forma simbólica, derrubando as convenções, quebrando as tradições e transgredindo com fluidez, como fluem as águas sagradas do rio.



EXPOSIÇÃO BANDEIRAS

MUSEU MURILLO LA GRECA



CURADORIA: FLORA ASSUMPCÃO
EXPOSIÇÃO COLETIVA

BANDEIRAS/

GRUPO TÊMPERA

ABERTURA **14h**
8 DE OUT
📍 Museu Murillo La Greca







FOTO: BANNER PUBLICADO NA REVISTA TÊMPORA #15 2023 (PG.176)



FOTO: ELIZABETH DE CARVALHO



TRECHO SOBRE A EXPOSIÇÃO BANDEIRAS PUBLICADO COMO RELEASE CURATORIAL NA EXPOSIÇÃO DO MUSEU MURILLO LA GRECA E NA TÊMPERA Nº15 DE 2022 DE AUTORIA CURATORIAL DA PROFESSORA DOUTORA FLORA ASSUMPÇÃO

“Bandeiras é o título da exposição coletiva realizada com imagens em Lambe-lambe no jardim do Museu Murillo la Greca, no Recife - PE, paralela ao lançamento das versões impressas das Revistas Têmpera dos anos 02 e 03 (respectivamente 2020 e 2021).

Nesta exposição, quem apresenta suas bandeiras são integrantes do Grupo de Pesquisa Têmpera (cadastrado na CNPq) liderado pela artista e professora Doutora em Artes Visuais pela ECA-USP, Flora Assumpção que expõe e também faz a presente curadoria. As demais artistas participantes são: Elizabeth de Carvalho, Carina Lacerda, Yohana Junker e Patriny Aragão. E por bandeiras, aqui entendemos os temas de pesquisa visual recorrentes de cada uma das artistas participantes, ou seja, os discursos sempre presentes em suas imagens, discursos estes que se configuram como posicionamentos artísticos e políticos.” (TEMPERA, 2022 p. 184)

Foi uma experiência nova expor as Carrancas em forma de cartazes lambe-lambe, uma linguagem bidimensional que, devido à escala, ativa o espaço tridimensional assim como a escultura, e dialoga com a arquitetura, com o jardim do museu e com a paisagem da cidade.

“Carina Lacerda e Patriny Aragão refletem a luta feminista através da imagem do corpo da mulher, problematizando a dificuldade do cidadão mediano no Brasil entender que o corpo da mulher não pode mais ser visto como um outro do corpo do homem, pois que a ideia de diferença sempre implica em reciprocidade: a mulher é tão diferente do homem quanto o homem da mulher. O simples fato de um deles poder estar sem camisa e assim permanecer tranquilamente sem sofrer violência e/ou censura em sociedade (seja ao vivo ou em fotografias nas redes sociais) e o outro não, implica e denota uma situação de opressão.

Assim, o que as une aqui é tanto a postura diante dos absurdos aceitos/incorporados/normalizados da sociedade ocidentalizada atual quanto a técnica artística utilizada. O lambe-lambe enquanto técnica foi escolhido por sua simplicidade — poderíamos dizer que ele está ao alcance de todos; papel comum escolar, xerox preto e branco e cola — e pela potencialidade que ele disponibiliza ao campo da visualidade.” (TEMPERA, 2022 p. 177)





“As carrancas foram minuciosamente estudadas e descritas por Paulo Pardal, ex-professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, falecido em 2004, cujo trabalho é referência obrigatória sobre este assunto. Carrancas do São Francisco, Serviço de documentação geral da Marinha, 1981, segunda edição revista e ampliada”. (MOREIRA, 2006, p. 23 e p.24).

E segundo a tradição nas lendas do rio São Francisco, ao se ouvir o gemido das carrancas, imediatamente os barqueiros, tratavam de encostar a barca e tirar tudo que tinha, pois ao segundo e terceiro gemido o naufrágio era certo. Segundo Elisabet Moreira:

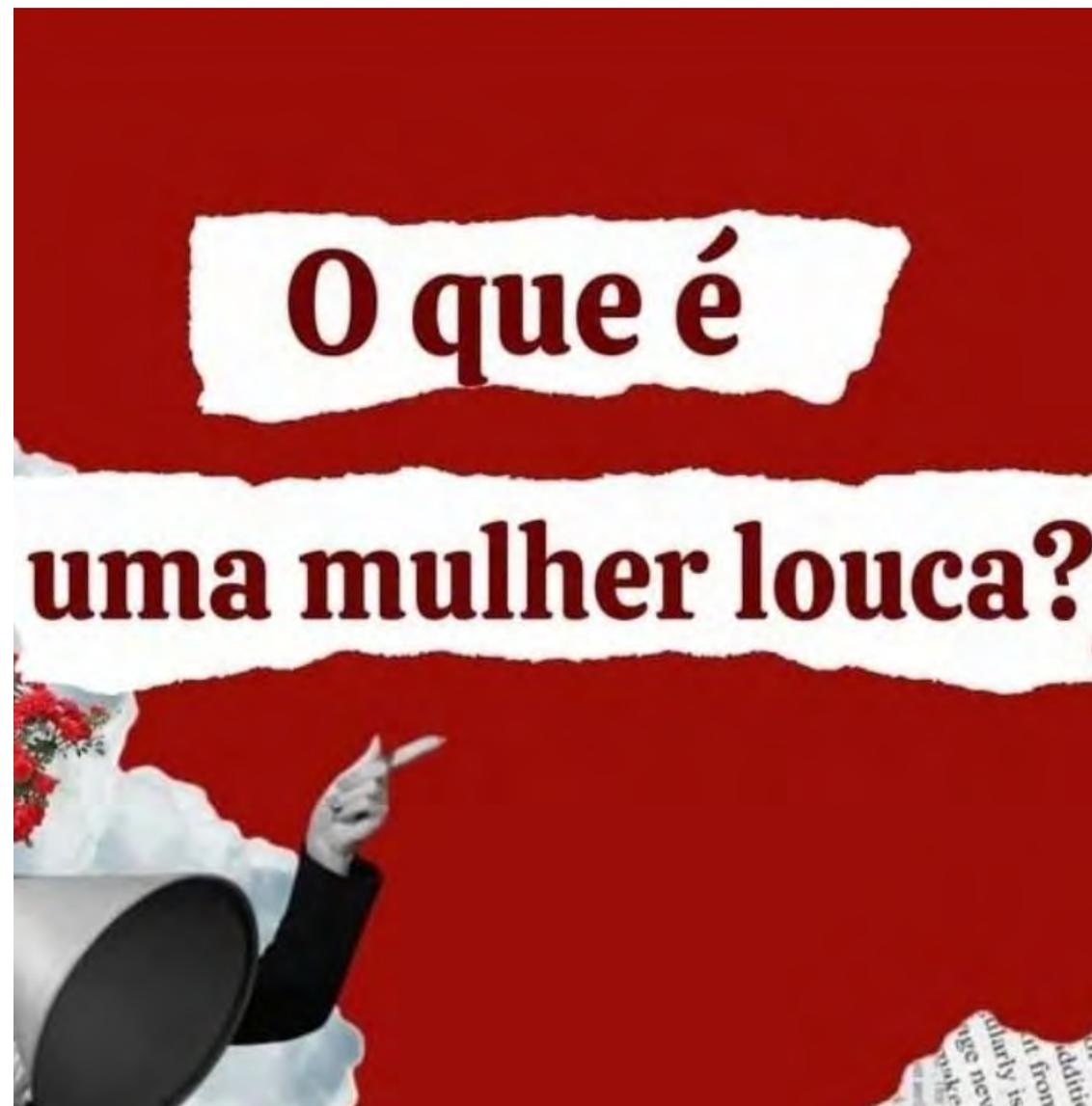
“Em texto mais recente, Paulo Pardal destacou ainda a força arquetípica do símbolo fálico no formato das carrancas do São Francisco e seu caráter apotropaico, do grego Apotrocaios, ou seja, que afugenta os males”. (MOREIRA, 2006, p. 23e p.24).

Aqui eu ainda gostaria de falar sobre uma obra, um *site specific*, intitulado por: O que é uma mulher louca?

Esta é uma obra realizada para a Pesquisa de Mestrado da UFPB/UFPE/PPGAV na disciplina de Artes Visuais em Espaços Públicos ministrada pelas Prof.^a Elizabeth Gouveia e Prof.^a Flora Assumpção, que tratava de um vídeo-performance, iniciando a transição em que me encontro, partindo da figuração mostrando o processo criativo a esculpir uma carranca de peito, desde a caatinga até vários lugares no centro da cidade da cidade, como se a carranca se deslocasse.

Produzi vídeos diversos para esta obra que compreendo como um *site specific* vinculado à teoria do ciborgue e ao pensamento feminista de Anchieta, os quais foram expostos nas plataformas digitais desta pesquisa, usadas como campo expandido no formato digital, podendo ser visitado por todo espectador internauta, para que possa fruir a obra precisa se deslocar de uma plataforma a outra.

Os registros desta obra encontram-se disponíveis no canal do *Youtube*: O tridimensional na Caatinga, ou Concept-contemporary.



PROJETO PIBEX, UNIVASF CAMPUS JUAZEIRO-BA

REVITALIZAÇÃO ARTÍSTICA DO ESPAÇO PLURAL COORDENADORA: PROF.^a FLORA ASSUMPÇÃO OBRA AUTORAL: SER HÍBRIDO MULHER CORUJA

O Programa de Bolsas de Extensão (PIBEX) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus Juazeiro-BA, é uma iniciativa que visa promover a integração entre a academia e a comunidade local. Este projeto de extensão busca estabelecer uma ponte entre o conhecimento acadêmico produzido na universidade e as demandas da sociedade.

Por meio do PIBEX, estudantes e professores têm a oportunidade de aplicar seus conhecimentos em projetos que impactam positivamente a comunidade. Seja através de ações sociais, capacitações, ou projetos de desenvolvimento local, o PIBEX coordenado por a Professora Dra Flora Assumpção visou revitalizar todo o espaço Plural e cada participante faria uma obra autoral.

O Campus Juazeiro, localizado no interior da Bahia, empreende esforços para abordar questões específicas da região, como desafios socioeconômicos e ambientais. O PIBEX, portanto, desempenha um papel crucial ao alinhar os objetivos acadêmicos com as necessidades locais, fortalecendo o compromisso da universidade com o desenvolvimento regional sustentável.

“A sinceridade do artista sintetiza cálculo e naturalidade, humildade e ficção. A experiência acumulada condensa tudo na expressão mais simples e complexa. (BUTI M. Têmpera, N-4, 2019, p.75).”











PROJETO PIBEX, UNIVASF CAMPUS SÃO RAIMUNDO NONATO-PI SERRA DA CAPIVARA

REVITALIZAÇÃO ARTÍSTICA
COORDENADORA: PROF.^a FLORA ASSUMPÇÃO
OBRA AUTORAL: ABISSAL

Pensando em algo que dialogasse com a obra Fósseis da Professora Flora Assumpção, dei continuidade a uma série que eu criei em 2020, série esta que batizei de: Abissal, a qual esculpo criaturas que, imagino viverem nos oceanos profundos, onde não há luz, e eles desenvolvem sua própria fluorescência, no entanto, sigo a minha intuição e uso o movimento e forma dos galhos da árvore a meu favor, então, não procuro mimese, pode ser pouco provável, que alguma dessas criaturas que esculpo aqui na terra, realmente exista nos mares, provavelmente existem outras muitos mais incríveis.









MOSTRA FLUTUANTE

PRIMEIRA CURADORIA

Também, durante o percurso do mestrado, fui convidada pelo Sesc-PE, para fazer a curadoria da exposição Mostra Flutuante, do Festival Aldeia do Velho Chico. A Mostra Flutuante teve como tema Rio a dentro: confluências do imaginário ribeirinho. A ideia foi trazer uma exposição com os artesãos das duas cidades, e essa curadoria, bem como texto curatorial e expografia fora feita em conjunção com o artista visual e bailarino André Vitor Brandão. A Mostra flutuante consiste em uma exposição com as obras de arte dentro da barca, com duração de dois dias. O primeiro dia, após a entrada dos espectadores, (cerca de 70 pessoas) na barca, ela sai da Orla de Petrolina e vai para a Ilha do Massangano, pela manhã e volta ao pôr do sol.

Rio adentro: confluências do imaginário ribeirinho

Neste ano, a Mostra Flutuante de Artes Visuais convida o espectador a adentrar nesse rio através do imaginário criativo dos artistas/artesãos que habitam essas duas cidades agraciadas e banhadas por suas águas. Em suas singularidades os artistas/artesãos trazem através de suas vivências, crenças, religiosidades e protestos, parte do repertório semântico do que chamamos de "Imaginário ribeirinho". Adentramos, pois, nas veredas criativas daqueles habitantes das margens, daqueles que cotidianamente transformam os mais diversas materiais em objetos artísticos e que constantemente nos lembram da potência criativa que existe em cada um de nós. Sem querer dar conta da multiplicidade de possibilidades do fazer artístico ribeirinho, apresentamos nesta exposição um pequeno recorte do que vem sendo produzido nas cidades de Petrolina/PE e Juazeiro/BA.





Desse modo estão presentes nessa exposição flutuante as histórias contadas nas colchas de retalhos coloridos de Da Paz; a instalação eólica de Fredson Adjar que faz movimentar seus peixes e a carranca alada com a força do vento, seres nascidos das raízes coletadas em cemitérios de árvores pelo artista; a pedra de Mestre Lisboa que faz uma releitura da carranca lhe conferindo, além de sua misticidade inerente, aspectos da escultura contemporânea; a textura do papel machê que dá forma e volume às esculturas de Angelita; a cerâmica de Celinha Barros que com sua espátula molda o barro, esculpindo figuras contemporâneas que remetem a mítica lara. Entre fauna e flora temos o equilíbrio e a tranquilidade do azul da garça de Mestre Joseilson Barbosa, mais conhecido como “Pintor”; a tocaia da cobra da artesã Naide Liberato que ao serpentear pelo chão passeia como se estivesse prestes a te dar um bote; temos ainda a religiosidade representada a partir do olhar do artesão Sandro para esculpir a piedosa Nossa Senhora Aparecida; a sutileza do São Francisco pelo formões de Mestre Biu dos Anjos; As cores tropicais da N. S da Rapadura de D. Alda que, suavizada pelo branco de seus penitentes, demonstra a versatilidade e contemporaneidade de suas obras; por fim (ou começo) a cerâmica branca e a plenitude no São Francisco de D. Lúcia Rego.

Para além de nos proporcionarem experiências poéticas, esses artistas nos interpelam a pensar politicamente nos lugares que ocupam e que suas produções circulam, uma vez que, historicamente, a categoria “artesanato” for a subjugada dentro do sistema de arte hegemônico que, destinou aos artesãos, lugares específicos de circulação. Cabe salientar que existe, mesmo que escamoteado, nessa peleja entre arte e artesanato questões raciais e de classe social, dado que, na categoria artesão, habitam aqueles em sua maioria negros e empobrecidos. Mais uma faceta do racismo estru-

tural que destina àqueles privilegiados um sistema comercial das artes com relações estruturadas, de abertura internacional e economicamente potente. Logo, esta exposição rompe com essa separação histórica entre arte e artesanato, propondo um fluxo de apreciação e de pensamento flutuante focado na potência criativa e na emergência da construção de relações horizontais no sistema de arte contemporâneo.

Dessa maneira, convidamos a todos a navegarem rio adentro em direção ao imaginário ribeirinho e a descobrirem as confluências de modos de sonhar, subjetivar e, sobretudo, de criar surgidas a partir das margens do Rio.

Por André Vitor Brandão e Carina Lacerda



PAINEL VISUALIDADES



O Painel Visualidades, uma obra autoral coletiva e efêmera, mas de longa duração, ganha vida nas paredes do Sesc de Petrolina, destacando-se como uma homenagem marcante ao Centenário de Ana das Carrancas. Criado por três mulheres artistas ribeirinhas Ariel Farfan, Carina Lacerda e Lelê Paes, convidadas pelo SESC, o painel transcende as fronteiras da arte, incorporando a rica herança cultural ribeirinha de D. Ana das Carrancas.

Com pincéis, eu e às artistas mergulhamos na essência ribeirinha de D. Ana das Carrancas, retratando a vida às margens do rio São Francisco. As cores vibrantes refletem a alegria e a resiliência do povo local, enquanto os traços delicados capturam a beleza singular da natureza de D. Ana.

Cada pincelada conta uma história, um tributo visual ao legado de Ana das Carrancas, figura emblemática que deixou sua marca na cultura local. A fusão de estilos e perspectivas dessas três artistas cria uma narrativa visual única, conectando passado e presente de maneira cativante.

O Sesc de Petrolina se torna o palco privilegiado para essa expressão artística, onde o Painel Visualidades não apenas decora as paredes, mas também enriquece o ambiente com uma poderosa celebração da identidade cultural ribeirinha. Este é mais que um simples mural; é um testemunho artístico do amor pela terra e pelas tradições que moldaram a comunidade ao longo dos anos.





FOTO: JAILSON LIMA



FOTO DE DOMÍNIO PÚBLICO



FOTO: ARIEL FARFAN

2023-02-06 08:58:5



JALENY
ANA D...
S...

moto g20

157

PANTEÃO

Em 2021 iniciei a obra O Panteão. São 18 Orixás. O Panteão é um universo rico e sagrado na tradição das religiões de matriz africana, onde cada divindade possui características, histórias e influências únicas. No respeitoso processo de esculpir os Orixás, eu peço licença ao Povo de Terreiro e ao solo sagrado que irão habitar meus orixás, para que eu expresse minha habilidade artística e minha conexão espiritual.

Ao esculpir, trago-os do meu mundo onírico, dando-lhes forma e presença tangível. A presença deles é tão forte que já os sinto envultados desde a coleta. A madeira, proveniente de fontes sustentáveis, torna-se a tela que captura a essência de cada Orixá. A escolha consciente da matéria-prima reflete não apenas a criação artística, mas também um compromisso com a memória, com a ancestralidade de um povo e com a preservação ambiental, honrando os princípios de equilíbrio e respeito à natureza.

Cada Orixá esculpido é uma manifestação única de criatividade. Eu me sinto em completa sintonia com a espiritualidade do terreiro, entrelaçando memórias e tradições da minha infância na madeira, perpetuando a história e a identidade do Povo de Terreiro. Essas esculturas transcendem a mera representação artística, tornando-se testemunhas vivas das vivências espirituais e culturais do povo de terreiro a quem eu tanto honro e me sinto honrada.

O processo de criação envolve não apenas a habili-





IEMANJÁ

XANGÔ

dade técnica, mas também a compreensão profunda das características de cada Orixá. Exú, guardião dos caminhos, a boca do mundo, abre o Panteão. Cada detalhe da escultura é uma narrativa visual que transmite a energia única de cada divindade.

Assim, o Panteão ainda em processo criativo torna-se uma expressão artística, um testemunho vivo da fé, conexão espiritual e compromisso de respeito com as religiões de matriz africana, com a sustentabilidade.

Na minha infância, as memórias são tingidas com as cores vibrantes das experiências únicas vividas nos colos das beatas e iabás. Um elemento singular que se destacava era meu “pai adotivo”, um sábio e carismático pai de santo. Fui criada por ele entre incensos e cantos sagrados, com amor e sabedoria, deixando marcas indelévels em meu coração. Suas palavras de incentivo e rituais cheios de significado moldaram não apenas minha infância, mas também meu entendimento do mundo espiritual. A minha mãe era católica, portanto fui sincretizada. Essas lembranças são como fios que entrelaçam minha história, formando um tapete de fé e respeito pelas tradições religiosas, mas o meu pé é no terreiro, lugar aonde tenho convivências profundas até hoje.



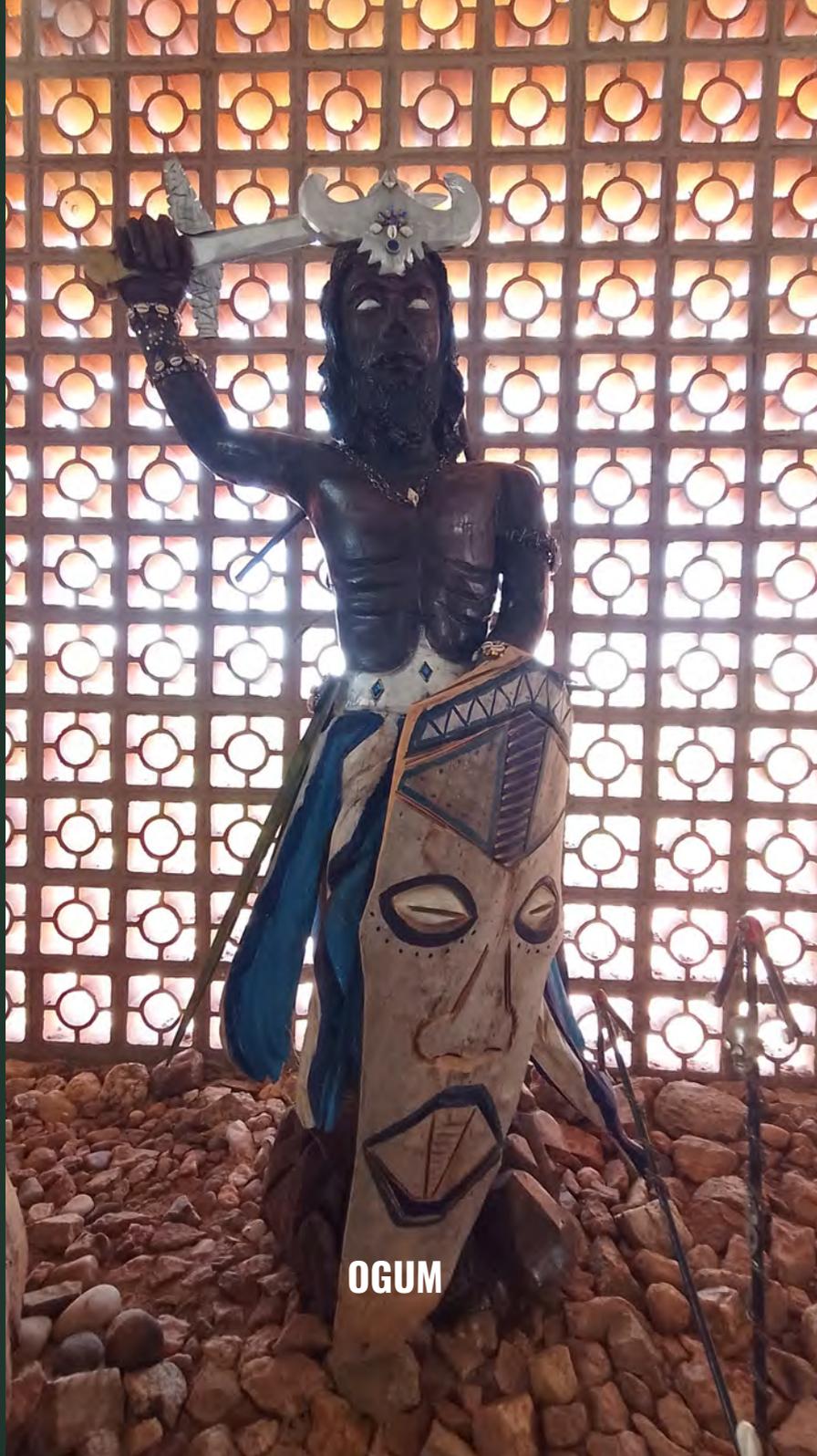
IANSAN



NANÃ



OXUM



OGUM



OMULU



OXOSSI



OXUMARÉ

IV

EXPOSIÇÃO **REENCANTADAS**

SESC DE PETROLINA PE

COM AS ARTISTAS:

**Carina
LACERDA**

**Patriny
ARAGÃO**

A exposição será composta por instalações de esculturas contemporâneas e 15 fotografias da artista Patriny Aragão.

A exposição “Reencantadas”, com o texto curatorial elaborado por Carina Lacerda e Patriny Aragão, é uma manifestação artística que reflete as pesquisas das autoras. Por meio de obras que exploram a interseção entre o contemporâneo e o místico, o corpo e a violência tanto ambiental quanto física. A exposição mergulha os espectadores em uma jornada visual enquanto provoca reflexões políticas. As artistas curadoras concebem um espaço onde a arte atua como ponte entre o real e o imaginário, convidando o público a refletir sobre as narrativas reinventadas e os significados que emanam das obras expostas.

COMO É TER O PODER DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA?

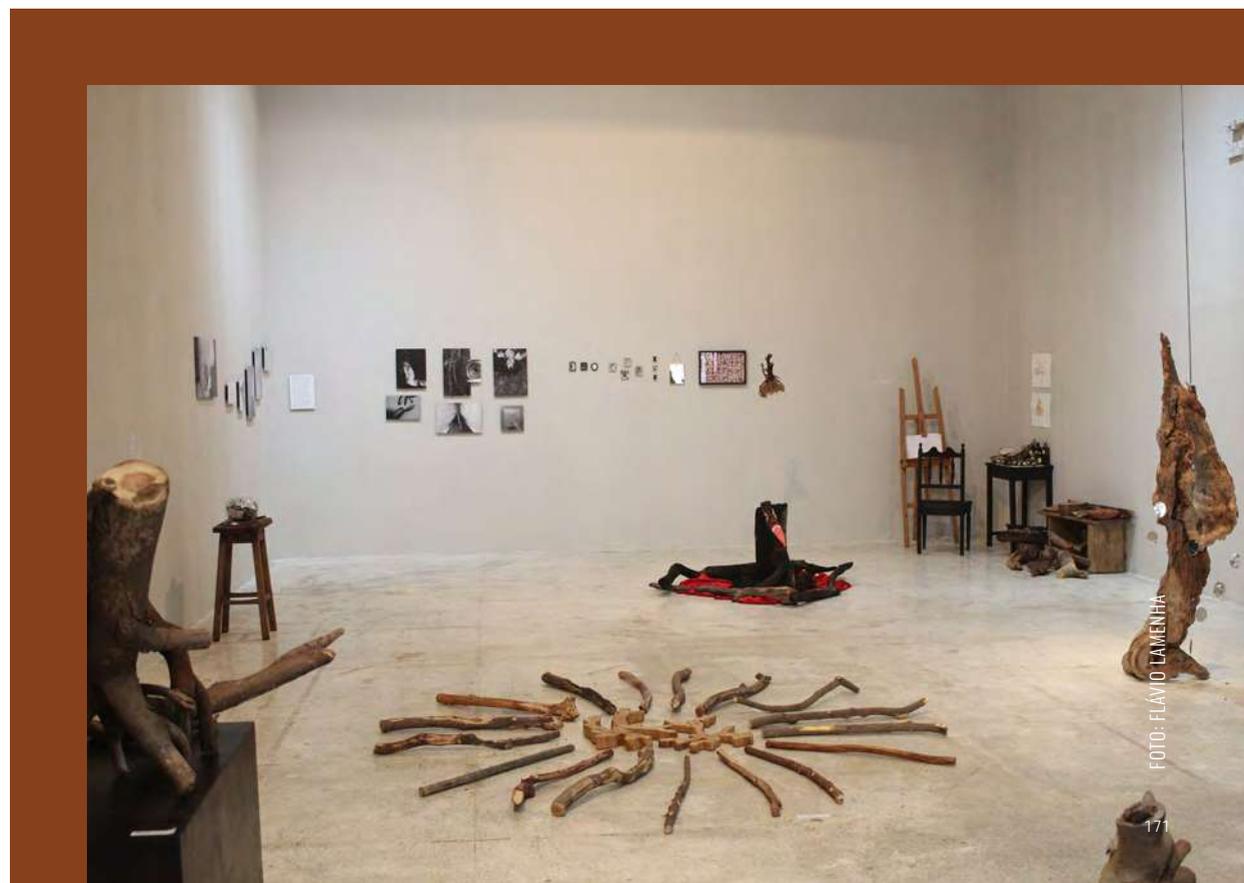
Quem limita as entrelinhas que nos direcionam e nos delimitam? Dizem, e não é de hoje, que “somos mulheres fortes”, “donas de si”, “verdadeiras guerreiras!”, dizem. Mas o que é ser uma mulher forte ou verdadeiramente guerreira? Não que o termo seja falacioso, mas quem costuma proferir tamanhos adjetivos, normalmente ignora que fomos e somos moldadas dentro de um sistema que não nos deu — e segue nos negando — escolhas. Um sistema que, conforme define Isabelle Anchieta, nos proíbe a autodeterminação.

O que as artistas Carina Lacerda e Patriny Aragão têm em comum em suas investigações é o refletir sobre o que muitos acreditam que seja natural, ao invés de uma casual consequência de séculos, pensada e articulada para silenciar e apagar o histórico de lutas daquelas que vieram antes de nós. Aqui, o luto histórico é transformado em luta, em arte e expressões que se entrelaçam em escultura e fotografia. E esse

difícil trabalho de desbloquear consciência e memória para ilusão de que passamos ilesas pela história, neste conflito, às vezes físico, às vezes metafórico; se funde e dá lugar a composição harmônica e reflexiva que se inspira na visualidade dos corpos femininos.

A nossa história foi construída a partir de uma visão de quem não a vivenciou — os homens. Fazer esses resgates entre memórias/vivências e ressignificar, religar, ou ainda melhor, reencantar essas passagens se torna uma tarefa urgente, uma premissa para que continuemos existindo, resistindo, reencantando.

Por Patriny Aragão e Carina Lacerda



INSTALAÇÃO 01 LABIRINTO

Instalação circular que ocupa o chão em espiral com esculturas de madeira grande no início da sala da galeria, que foi preenchida por leves madeiras coletadas no sertão semiárido, na parte central, um par de pequenos pés esculpidos em madeira, simbolizando os caminhantes desse bioma, em meio aos corpos cortados e devastados das árvores.



INSTALAÇÃO 02

FOGARÉU

Essa instalação é uma composição do processo criativo de esculturas de carrancas Zaias em madeiras roxinho, em conjunção com esculturas abstratas coletadas durante folguedos juninos nas madrugadas das quatro datas para os santos: São João, São Pedro e Santo Antônio.

No chão em movimento circular estão as madeiras carbonizadas e as pequenas Zaias, mostrando uma transição do modo figurativo para o modo abstrato. Dentro do círculo estão as madeiras carbonizadas. No centro, está uma escultura de um toco carbonizado, representando, a abstração da figura carranca.

Considero relevante citar a Isabelle Anchieta, em: Maria e Madalena, de como a imagem das mulheres foram demonizada desde os primórdios, culminando na Inquisição, relatando a centralidade de Madalena, condenando-a, e depois a santificando-a como arrependida. Essa deselegância e brutalidade da igreja que culminou na morte e violência das mulheres no passado, está sendo sustentada até na contemporaneidade.

“Madalena era a imagem do pecado, qualificado como atributo ou falha ao feminino.”. (ANCHIETA, 2019, p.114).





INSTALAÇÃO 03

NINHO DE BEIJA-FLOR

Vejo e percebo a história da escultura na Caatinga vinculada a fala de Durval Muniz e concordo com suas palavras, quando ele diz que não podemos ficar parados nas imagens do passado, que precisamos evoluir em pensamento e ação, dessa forma, compreendo que a imagem impulsiona os processos de percepção, expressão e criação, por isso guardo as memórias e as trago para cultivá-las na contemporaneidade.

Nessa instalação, trago as memórias da criação de Beijinho, um pequeno beija-flor, que fez seu ninho no meu jardim. Colocou seus ovos, e os chocou. Teve uma noite de grande tempestade, e achamos que eles não sobreviveriam, um morreu e o outro sobreviveu, eles voaram e foram viver sua vida em liberdade, mas o ninho ficou, e era tão confortável que guardei para fazer essa pequena instalação em que suas

sombras interagem com a parede da galeria, para deixar registrado a resiliência da mãe beija-flor e da Caatinga.







INSTALAÇÃO 04

AURÉLIO: UMA CAATINGA PARA TEUS SONHOS

Essa instalação é interativa, na qual o espectador pode fazer experimentação das tintas que foram criadas com o substrato da matéria-prima madeira.

Nesta instalação, Aurélio, é um dicionário aberto visto em perspectiva, ao redor, pequenos pedaços de substrato que mostram uma espécie de linguagem que vem escrita nos pedaços de madeira que são retirados do corpo da árvore morta durante os atos escultóricos. Em continuação há recipientes que mostram vários tipos de substratos dos processos desde a coleta, descascamento, subs-

trato do motosserra, ao pó de lixa, a tinta orgânica, como se fosse o processo de purificação, daí, o nome "catarse" estará em evidência no dicionário aberto. É uma metáfora ao dicionário que também vem cheios de palavras, informações, conhecimento e sabedoria.

ca.tar.se *sf* 1. Purgação; purificação. 2. *Psic* Liberação de pensamentos, ideias, que estavam reprimidos no inconsciente, seguidos de alívio emocional.

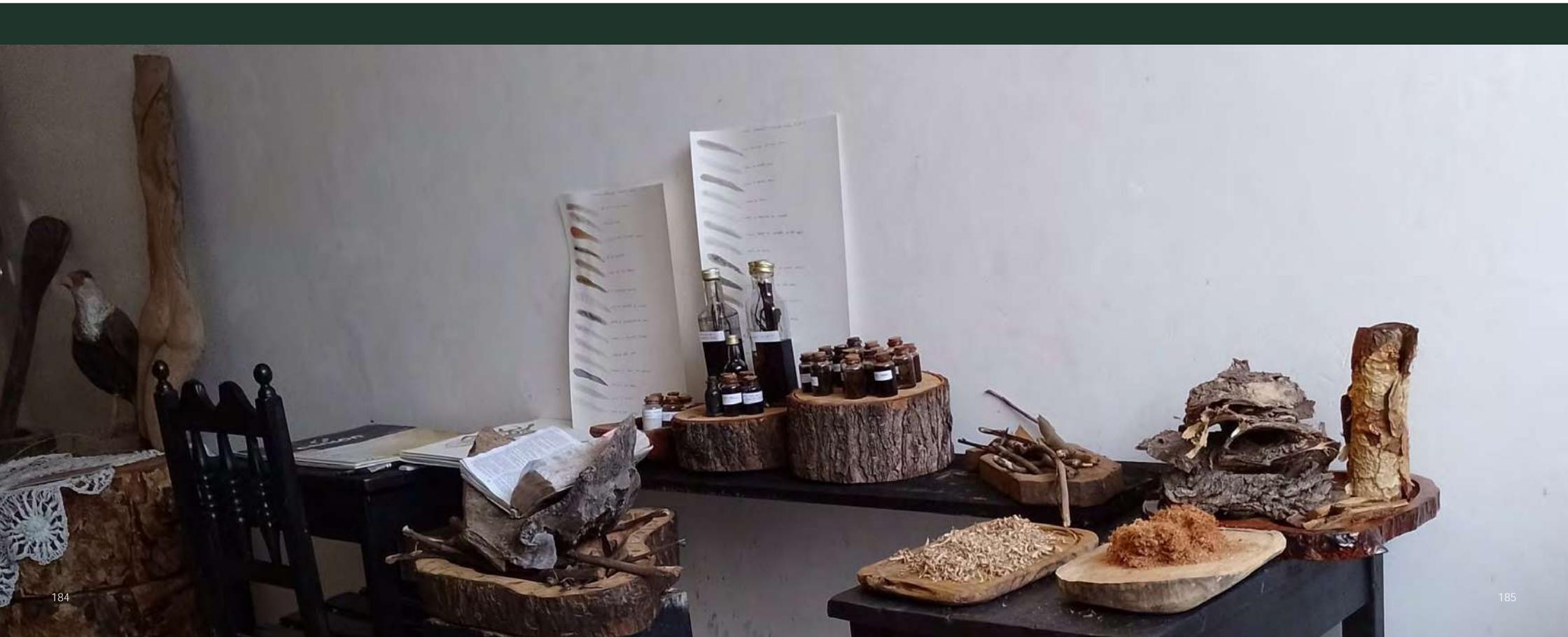
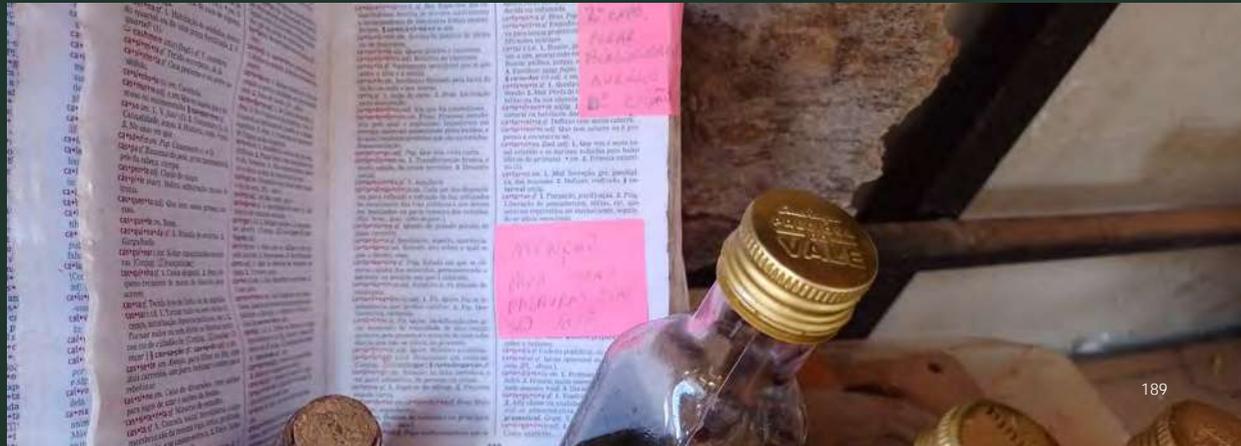




FOTO: PATRINY ARAÇÃO



moto.g26







INSTALAÇÃO 05 **ESPELHO DE OXUM** **MEMÓRIAS E MOVIMENTO**

Essa obra consiste em uma instalação de uma madeira de quase dois metros e meio, o corpo de uma árvore, que foi segurada do teto por um cabo de aço. Em seu corpo havia espelhos dependurados fazendo sua saia, em reverência a orixá Oxum, rainha das águas doces. E mais uma vez trago a fluidez das águas pairando sobre o ar. Essa é uma grande escultura, cheia de movimentos, formas volumes, texturas, proeminências e protuberâncias, que interage com o espaço como se estivesse em movimento executando uma dança e louvação.

“Colocar um corpo em devir, no caso, devir-rio, desestabiliza toda uma construção antropocêntrica que a modernidade forjou. Por alguns instantes experimentar ser a matéria líquida que tanto exploramos, inverte a lógica de poder em que o homem é soberano sobre a natureza, trazendo, assim, outra percepção de ser/estar para nossa consciência. Nesse momento, é que nos direcionamos a feitura de uma micropolítica, ou seja, numa política que se desenvolve no nível pessoal e que por sua vez poderá intervir numa macropolítica, no que está para além de nós, em nossa vida pública.” (BRANDÃO,2020, p.44).



FOTO: PATRIKY ARAGÃO



FOTO: PATRIKY ARAGÃO





Oxum, já reverberava desde a infância, apesar de ter sido sincretizada, e essa presença se exaltou quando comecei a esculpir os Orixás.

Com o rio aflorado no quintal de casa, comecei a compreender melhor tanto as memórias, quanto a ancestralidade, procurando me alimentar de coisas que também falavam dos mesmos preceitos.





INSTALAÇÃO 06

CAATINGA É MATA BRANCA

Essa instalação é composta de galhos, pequenas árvores, e pequenos arbustos coletados na mata, no período da seca, onde facilmente podemos identificar as cores brancas e acinzentadas. Desse modo, elas ficaram penduradas em uma espécie de móbile e continuam no chão com as madeiras que apresentam movimentos circulares e me lembram drusas, suas sombras, tanto no ar, quanto na terra, interagem com a arquitetura da galeria.



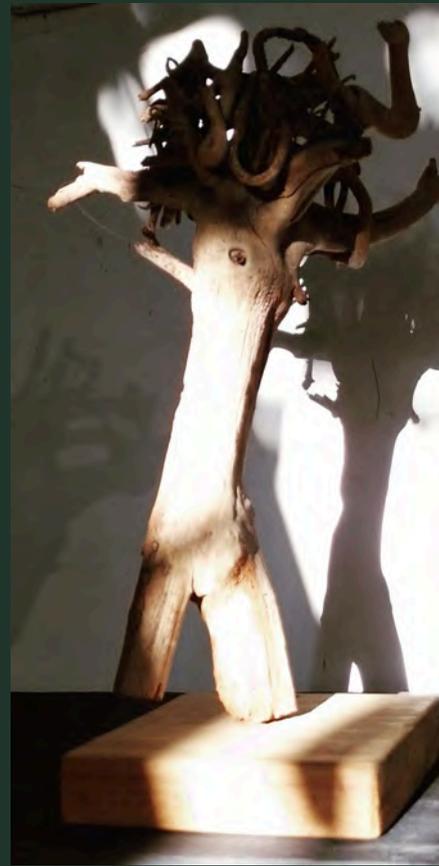




FOTO: PATRINY ARAGÃO



FOTO: FLÁVIO LAMENHA



INSTALAÇÃO 07
PARTES





FOTO: PATRINY ARAGÃO



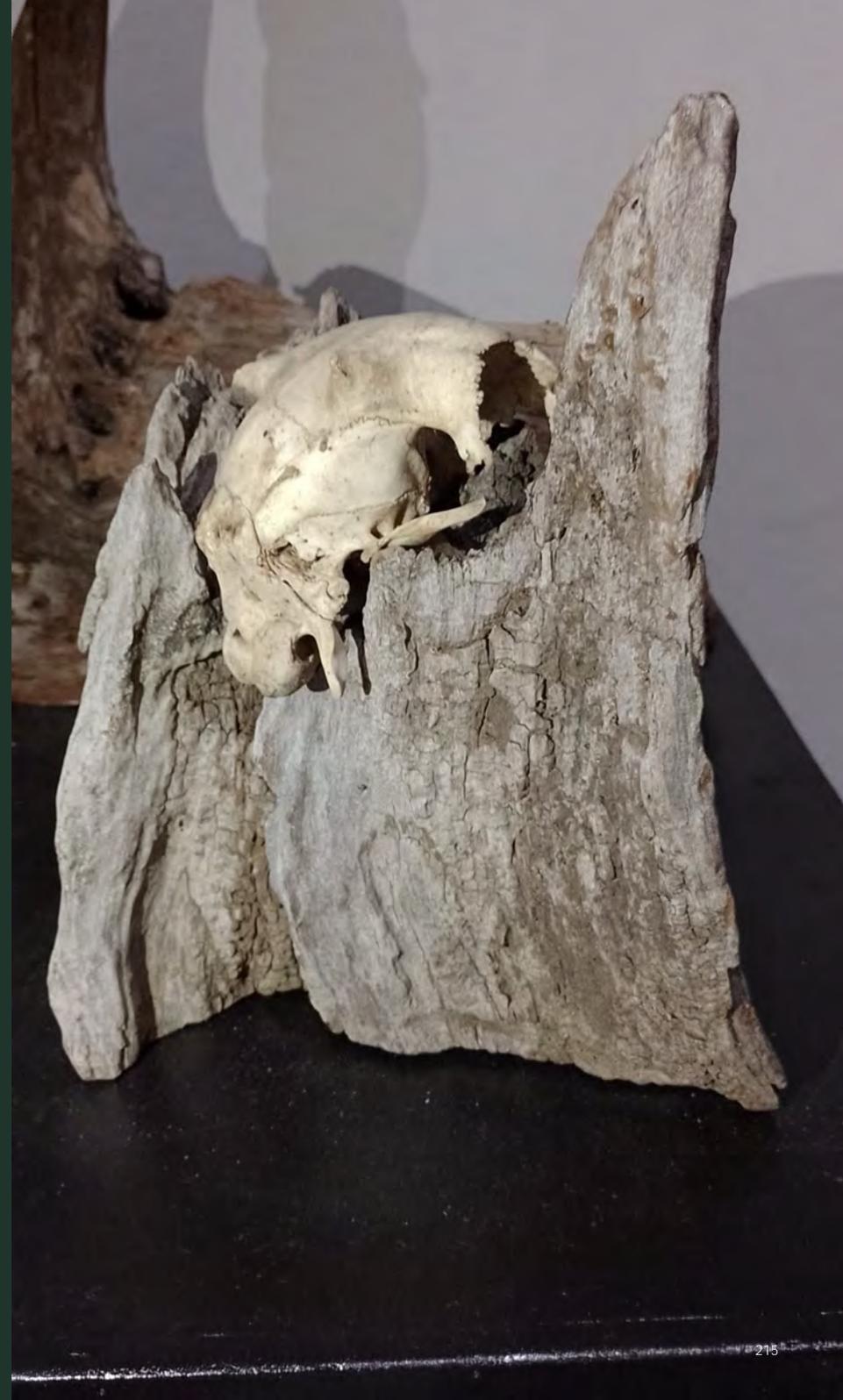
Corpos caminhantes nas ruas, presentes e conscientes. Corpos mutilados e violentados há tempos. Mulheres e árvores. A coletadora de forquilhas, colecionadora de árvores mortas. A imagem da mulher depois de muitas décadas de luta, sendo reconstruída em um outro paradigma. 'Partes', representa o corpo humano. Mais necessariamente, o feminino e o corpo/tronco das árvores, que por todo o tempo, é violentado e usufruído. E todo tempo fora subjugado e demonizado, conforme afirma Isabelle Anchieta:

“A mulher funciona como uma conexão entre estes mundos: o natural, o sobre natural e o humano. E, apesar de integrar o mundo dos homens, representado pela ciência, ela possui asas, conectando-se à besta que voa ao fundo. A distância do espírito maligno não o impede de atormentar a alma feminina. Tudo leva a crer que não há ciência ou religião que possa impedir ou controlar tal conexão. Ela representa, sobretudo, a inevitável permeabilidade entre a magia, a religião e a ciência. (ANCHIETA, 2019, p.70)

INSTALAÇÃO 08 SANTA MORTE

Nesta obra abordei imagens, relacionando-a com a morte das árvores, mas também como elas podem continuar sua história tridimensionalmente, com imagéticas do meu processo criativo, a partir de aspectos da interpretação de formas, a fauna que também morre com a exploração desenfreada da flora, as espécies e seres na natureza colaboram entre si, são interdependentes. Dentro da instalação, foram postas as carcaças de alguns animais que foram encontradas durante as coletas em cemitérios de árvores. Essas carcaças fazem parte do cenário composto da caatinga seca e cemitério, totalizando a morte como também, parte cíclica da natureza degradada. Dessa obra, começa a germinar a obra-performance: Sertanina







Artista: Maria, 2012
Título: O que sobra
Materiais: Ossos e Madeira



INSTALAÇÃO 09
ORGANELAS DANÇAM COM JUPAGOS KREKÁS

JUPAGO KREKÁ



Dessa vez coletei a madeira na área urbana, onde se treinam cavalos, atrás da minha casa e não modifiquei as formas dos galhos, esses galhos representam jupagos krekás que os bailarinos da Companhia de dança do Sesc usam quando fazem o Espetáculo Aterrágua, os quais enriqueceram visual e esteticamente o espetáculo e quando são batidos no chão, através de sua pancada, segundo informações colhidas em entrevista, é possível invocar a ancestralidade.

Nesse recorte do espetáculo, os bailarinos fazem uma dança circular com os jupagos krekás, típica dos povos indígenas XUCURU de Pesqueira no Agreste de Pernambuco. Para compreender essa prática, o pesquisador Lima, destaca:

“Nesse sentido, os corpos dos intérpretes/criadores/criadoras/ movidos pela experiência vivida, no contexto, realizam ações corporais que se projetam no espaço e expressam, por intermédio do movimento, relações de sentido. Em síntese, a Dança como uma arte que desenvolve uma poética do corpo em movimento, se tornando expressão a partir da singularidade de cada corpo, oferecendo uma ação do fazer artístico/ educativo que se apropria da criatividade e, concomitantemente, cria”. (SILVA, 2020, p.48)

A forma como surgiu a instalação “Organelas dançam com jupagos krekás, se deu através da apresentação durante o espetáculo Aterrágua, o movimento dos corpos dos bailarinos com os jupagos krekás remete as formas das organelas, que são o corpo de uma árvore morta, mais especificamente, um caule, cortado em fatias.

Logo abaixo temos um trecho da entrevista concedida por Iran Xucuru, considerado uma das sementes-guardiãs no processo de retomada da Terra Xucuru liderado pelo Cacique Chicão. Iran xucuru é agrônomo e fez Mestrado





em Ciências do Solo pela UFPE.

Essas fatias, apresentam movimentos e formas similares a corpos dançantes que os bailarinos da cia de dança do Sesc fazem a partir da dança ancestral que o Povo Xucuru pratica. A composição dessa instalação vem acompanhada de 16 organelas, representando os bailarinos em movimentos com 16 jupagos krekás em círculo, revelando inúmeras formas esculturais e uma paleta de cores infinita.

CONTINENTE *Você pode falar um pouco mais sobre o coletivo? O que significa Jupago Krekrá?*

IRAN XUKURU Bom, *krekrá* pode ser entendido como "cabeça que pensa".

E jupago é um instrumento que marca o ritmo, a pisada do toré, é uma espécie de cacete, como se fosse uma borduna. Então, a gente tem o jupago, como um instrumento de defesa de luta e ritual, e o krekra, a "cabeça-pensamento".

É aquela coisa: a gente tem que se ligar, se orientar e pensar diferente, como os mais velhos pensavam. Traduzindo, a gente coloca como se fosse "boas ideias na cabeça para o bem-viver".





Conclusão

Ao longo desta dissertação, transitei por várias linguagens: escultura, pintura/desenho, pintura mural, pelo lambe-lambe, pela instalação, todas essas, linguagens familiarizadas e por fim, em um epílogo pela Performance... de uma maneira que senti muito natural, fluída... investida pelo frescor da experimentalidade explorei a performance "Sertanina", uma expressão artística que transcende os limites convencionais da escultura, transformando a caveira de uma vaca encantada em uma escultura viva que anda a coletar corpos de árvores mortas.

Nessa performance somos convidados a repensar nossa conexão com o meio ambiente, reconhecendo a importância da preservação e do respeito pela vida em todas as suas formas. A coleta de madeira morta na performance não é apenas um ato artístico, mas um gesto simbólico de renovação e ressurgimento, onde o que foi considerado sem vida é transformado no semi-árido em uma experiência viva e multifacetada, através da visualidade da indumentária de cascas de árvores mortas pela dimensão ritual e conceitual da performance incita a uma reflexão profunda sobre a relação entre o ser humano e a Natureza nos desafiando a repensar nossas práticas e valores em relação ao meio ambiente em um mundo cada vez mais marcado pela degradação ambiental e pela perda da biodiversidade, penso que a mensagem dessa performance ressoa de maneira urgente e relevante.



EPÍLOGO
SERTANINA

SERTANINA

Na mágica terra da Caatinga, onde a natureza dança ao ritmo do sol, durante uma coleta de madeira, nasce uma encantada que entrelaça sua existência com a arte da performance e a missão vital de preservar este bioma árido. Ela é a guardiã da dança dos galhos secos, raízes, cascas de árvores mortas.

A encantada se apresenta durante uma coleta de madeira para uma artista da terra, seus passos revelam a beleza oculta da Caatinga, enquanto suas expressões corporais traduzem a luta contra a desertificação. Suas performances são uma ode à resistência das plantas resilientes que, mesmo diante das adversidades, permanecem erguidas. Seu figurino é composto de cascas e pequenos galhos de árvores ofertadas pelo bioma e carcaças de animais da fauna que se encantaram, transformando-a em uma escultura viva.

Em suas coreografias, a encantada destaca a importância de cuidar da Caatinga, alertando sobre a ameaça da derrubada indiscriminada de árvores através de duas poesias. Ela se torna a voz da natureza, clamando por práticas sustentáveis e respeito ao equilíbrio delicado desse bioma único.

Referências artísticas como a obra "Caatinga", do artista plástico Frans Krajcberg, ecoam na mensagem da encantada, transmitindo a urgência de preservação. Estudos científicos, como os realizados pelo Instituto Nacional do Semiárido (INSA), fornecem dados essenciais sobre os impactos da desertificação e orientam ações concretas





FOTO: PEDRO LACERDA



FOTO: PEREDSON ADIAR

para a conservação da Caatinga.

Nesse sentido, a encantada que leva o nome de Sertanina, se torna uma embaixadora, unindo a magia da performance à responsabilidade ambiental, inspirando todos a apreciarem a arte da natureza e a agirem em prol dos cuidados a Grande Mãe, para que a Caatinga continue encantando gerações futuras.

Sertanina, enquanto performance é literal e figurativa, mas que por ser realizada pela ação cênica do corpo (e não apenas pela visualidade, apesar do corpo aqui ser entendido como mais um material/matéria-prima para desenhar tridimensionalmente), não deixa de ser um desdobramento da sua busca de confrontar figuração e abstração na sua prática artística, a qual permanece em processo contínuo, vivido cotidianamente.

A performance Sertanina conquistou o segundo lugar em Pernambuco na Lei Paulo Gustavo, refletindo seu comprometimento com a arte a mãe natureza e as encantarias na área das Artes Visuais. A expressiva posição no concurso ressalta não apenas sua habilidade técnica, mas também sua capacidade de transmitir emoções e narrativas por meio da arte, honrando o legado do comediante Paulo Gustavo. Este feito destaca a performance Sertanina como uma encantada potente e promissora, contribuindo para a rica cena cultural do estado.

“Na arte, assim como nos ritos, o artista/xamã/alquimista invoca seus estratagemas para vencer a morte. Nesse sentido, toda criação artística é um retorno à origem da vida em que o tempo deixa de agir. Apreciar uma performance é uma situação de eterno retorno e suspensão temporal, evidenciada pela simultaneidade da relação sujeito-objeto que privilegia o artista com o seu corpo como obra e expressão artística, que recorrentemente promove a dialogia entre o espaço e o tempo e, conseqüentemente, entre a alteridade e a morte” (ROMERO, 2019, p.161)





WC MASCULINO

Referências

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea. Uma história concisa.** São Paulo. Livraria Martins. Edição 1. Outubro/2001

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024:** informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2012

ASSUMPÇÃO, Flora Romanelli. **A natureza e o fantástico através da experiência visual.** 2014. (Mestrado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.27.2019.tde-02052019-162428. Acesso em: 05.12.2022.

ASSUMPÇÃO, Flora Romanelli. **Relicário (A natureza da natureza).** 2019. (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. doi:10.11606/D2.2014.tde.24112014-150504.

ATERRÁGUA- **espetáculo da Cia de Dança Sesc-PE.** Canal do youtube: Sesc em Pernambuco Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCb7votxUEQ>

BARBOSA E.R.L. **Visível Audível Tangível.** Mitos do corpo na performance em Pernambuco. Gráfica Provisual. Mar. 2018 . Recife-PE

BELIVACQUA, **Juliana Africana:** o diálogo das formas. Beleza Pura. Centro Cultural Vale. Editora CCVM. São Luiz -MA. 2018.

BELTING H. **ANTROPOLOGIA DA IMAGEM.** .Para uma ciência da Imagem. Tradução Artur Mourão. .Edição e bibliografia João Francisco Figueiredo. .KKYM+EAUM. .Lisboa, 2014.

BELTING H. **Imagem, mídia e corpo:** uma nova abordagem à iconologia. Ghrebh. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. Vol. 8 São Paulo. Julho/2006. ISSN 1679-9100.

BRANDÃO, A. Victor. **Corpos Flutuantes.** Emancipação e Aprendizagem através da Dança Contemporânea no Vale do São Francisco. CEPE Editora. Recife-PE.2020

BUTI, Marco Francesco. Via. **Revista Têmpera 04,** ISSN 2674-5909. Vol.01. P. 01-154. 2019.

CARVALHO C.A. P; SALAINI J.C; ALLEBRANTI D; MEINERZ E.N; WEISHEIMER N. **Desigualdades de gênero, raça e etnia.** Editora Intersaberes. Curitiba-PR.. 2012. DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas.** São Paulo. Editora 34 (edição brasileira). Edição 1. Ano 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real***- Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p.204-219, nov. 2012.* traduzido do espanhol, do endereço eletrônico: http://www.macba.es/uploads/20080408/Georges_Didi_Hubernan_Cuando_las_imagenes_tocan_lo_real.pdf.

ECO Umberto. **Como se faz uma tese.** Editora Perspectiva S.A. São Paulo 2006.

EDWARD Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro.** Tradução: Ricardo Silveira. 5 edição. Editora Ediouro. 2003

FARTHING.S. **Tudo sobre arte.** Tradução Paulo Polzonoff Jr.Sextante.Rio de Janeiro -RJ.2010. p.

GOMBRICH E.H. **A história da Arte.** LTC. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 16ª edição. Travessa do ouvidor,11. Rio de Janeiro- RJ.1994, p.580.

HARAWAY Donna J. **Antropologia do ciborgue.** As vertigens do pós- humano. Texto Manifesto Ciborgue. 2 edição. Editora Autentica. Editora responsável Rejane Dias. Belo Horizonte. 2009.

JANSON. H.W. **História Geral da Arte.** O mundo moderno. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2001.

JUNIOR, I.V. **Porto Arado.** Todavia Editora. São Paulo - SP. 2019.

KRAJCBERG F. EXPOSIÇÃO/EXIBITION FRANS KRAJCBERG: NATURA. **Museu de Arte Moderna-** Pavilhão OCA- São Paulo. Out/2008.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. **Carrancas do Sertão:** signos de ontem e de hoje. Gráfica Franciscana. SESC/PE, 2006.

OLEGÁRIO, Marciene ARTE e povo indígena. 2020. Duração: 3min29s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ntV0knm9a20>. Acesso em: 31 janeiro de 2023.

PARDAL, Paulo. **Carrancas do São Francisco.** 2ª .ed. Rio: Serviço de Documentação Geral da Marinha. A carranca; um símbolo Fállico. In revista da Comissão Mineira de Folclore, núm. 20, agosto de 1999, pág 139-143, 103-116, Nov.2007.

READ. H. **A Educação pela Arte.** 1 edição. Editora-WMF Martins Fontes. Bela Vista- SP. 2001.

READ, H. **Escultura Moderna**. Editora-WMF Martins Fontes. Bela Vista- SP. 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**.

SILVA, J. Lima. **Cia de Dança do Sesc de Petrolina**. Possibilidades de ensino/aprendizagem uma perspectiva contextualizada. CEPE Editora. Recife-PE.2020

SONTAG Susan. **Sobre Fotografia**. Tradução: Rubens Figueiredo. 1 reimpressão. Companhia da Letras. São Paulo. 2004.

STANGOS, Nikos. **Conceitos da Arte Moderna**. Tradução: Alvaro Cabral. Jorge Zaar editor. Rio de Janeiro.2000

TEMPERA. Recife: Particular, v. 5, n. 15, 2023. Trimestral. Disponível em: <https://www.grupotempera.art/revista-t%C3%A4mpera-15>. Acesso em: 24 jan. 2024.

TEMPERA. Recife: Particular, v. 1, n. 04, 2019. Trimestral.

WOHLBEN Peter. **A vida secreta das árvores**. Sextante. Rio de Janeiro-RJ. 2017

VENTRELLA R, BORTOLOZZO S. FRANS KRAJCBERG. **Arte e Meio Ambiente**. Editora Moderna. São Paulo. Primeira edição. 2007.

XUCURU. I. **Entrevista na Revista Continente**. Link: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/07/a-natureza-nao-vive-bem-sem-nos-e-um-grande-equivoco#.Yr-3dbUeNkc.whatsapp>

